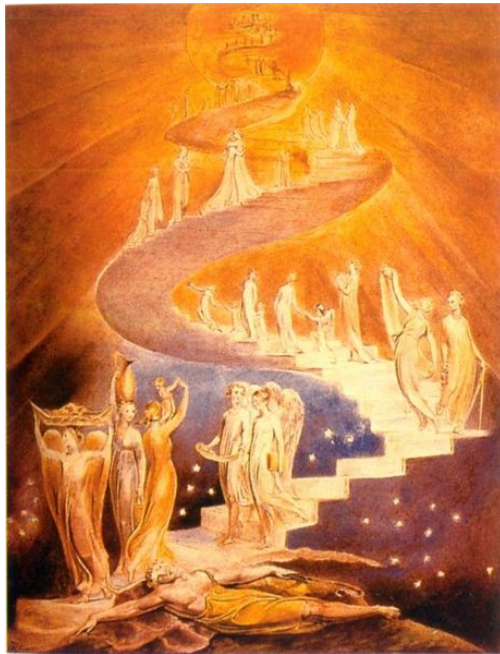


J. Herculano Pires

O Centro Espírita



William Blake
A escada de Jacó

Conteúdo resumido

Nesta obra Herculano utiliza toda a sua experiência como dirigente espírita para transmitir ao leitor preciosas orientações sobre a organização do Centro Espírita, quais atividades devem ser desenvolvidas numa casa espírita e como devem ser conduzidas essas atividades.

Livro importantíssimo para quem reflete sobre os rumos do Espiritismo no Brasil, notadamente sobre as atitudes dos que querem emparelhá-lo com religiões decadentes e superadas.

O autor analisa, em linhas gerais, a função, significação e os serviços do Centro, a comunidade, as raízes africanas, Deus, as almas frágeis, a disciplina, os problemas religiosos, as curas, etc.

Dedicatória

Para

Dadício de Oliveira Baulet
e
Ciro Milton de Abreu

Que fundaram em Cerqueira César, na Sorocabana,
o **Centro Espírita Humberto de Campos**,
logo após a morte do grande escritor,
pouco depois ressuscitado na psicografia de
Francisco Cândido Xavier.

Sumário

Sandálias Semeadoras	4
Introdução.....	5
1 – Função e Significação	10
2 – Os Serviços do Centro.....	14
3 – O Centro e a Comunidade	21
4 – Raízes Africanas	28
5 – Deus no Centro	35
6 – As Almas Frágeis.....	43
7 – Disciplina Fraternal.....	52
8 – As Questões Políticas.....	59
9 – Problemas Religiosos.....	65
10 – Os Espíritos Curam	75
11 – Metamorfose Religiosa	82
12 – No Centro do Mundo	91
Ficha de Identificação Literária.....	103

Sandálias Semeadoras

*O Centro Espírita nasceu
das sandálias de Jesus,
que nunca, nunca morreu
nem de lança, nem na cruz.*

*Jesus desapareceu
para os vaidosos da Terra,
mas logo reapareceu
para a gente de sua terra.*

*As sandálias de Jesus
nunca deixaram de andar,
sozinhas, cheias de luz,
para as trevas espantar.*

*Essas sandálias vazias
vão por caminhos e ruas,
sem festas nem fantasias,
sob sóis e sob luas.*

*Param humildes e calmas
na soleira de uma porta,
batem solas como palmas,
entram por baixo da porta.*

*Há desespero e aflição.
Quem sofre e geme lá dentro?
As sandálias já se vão,
mas fica na casa um CENTRO.*

Introdução

Se os espíritas soubessem o que é o Centro Espírita, quais são realmente a sua função e a sua significação, o Espiritismo seria hoje o mais importante movimento cultural e espiritual da Terra. Temos no Brasil – e isso é um consenso universal – o maior, mais ativo e produtivo movimento espírita do planeta. A expansão do Espiritismo em nossa terra é incessante e prossegue em ritmo acelerado. Mas o que fazemos, em todo este vasto continente espírita, é um imenso esforço de igrejificar o Espiritismo, de emparelhá-lo com as religiões decadentes e ultrapassadas, formando por toda parte núcleos místicos e, portanto, fanáticos, desligados da realidade imediata.

Dizia o Dr. Souza Ribeiro, de Campinas, nos últimos tempos de sua vida de lutas espíritas: “Não compareço a reuniões de espíritas rezadores!” E tinha razão, porque nessas reuniões ele só encontrava turba dos pedintes, suplicando ao Céu ajuda.

Ninguém estava ali para aprender a Doutrina, para romper a malha de teia de aranha do igrejismo piedoso e choramingas. A domesticação católica e protestante criara em nossa gente uma mentalidade de rebanho. O Centro Espírita tornou-se uma espécie de sacristia leiga em que padres e madres ignorantes indicavam aos pedintes o caminho do Céu. A caridade esmoler, fácil e barata, substituiu as gordas e faustosas doações à Igreja. Deus barateara a entrada do Céu, e até mesmo os intelectuais que se aproximam do Espiritismo e que têm o senso crítico, se transformam em penitentes. Associações espíritas, promissoramente organizadas, logo se transformam em grupos de rezadores pedinchões. O carimbo da igreja marcou fundo a nossa mentalidade em penúria. Mais do que subnutrição do povo, com seu cortejo trágico de endemias devastadoras, o igrejismo salvacionista depauperou a inteligência popular, com seu cortejo de carreirismo político-religioso, idolatria mediúnica, misticismo larvar, e o que é pior, aparecimento de uma classe dirigente de supostos missionários e mestres farisaicos, estufados de vaidade e arrogância. São os guardiães dos apriscos do templo, instruídos para

rejeitar os animais sacrificiais impuros, exigindo dos beatos a compra de oferendas puras nos apriscos sacerdotais.

Essa tendência mística popular, carregada de superstições seculares, favorece a proliferação de pregadores santificados, padres vieiras sem estalo, tribunos de voz empostada e gesticulação ensaiada. Toda essa carga morta esmaga o nosso movimento doutrinário e abre as suas portas para a infestação do sincretismo religioso afro-brasileiro, em que os deuses ingênuos da selva africana e das nossas selvas superam e absorvem os antigos e cansados deuses cristãos. Não no clima para o desenvolvimento da Cultura Espírita.

As grandes instituições Espíritas Brasileiras e as Federações Estaduais investem-se por vontade própria de autoridade que não possuem nem podem possuir, marcadas que estão por desvios doutrinários graves, como no caso do roustainguismo da FEB e das pretensões retrógradas de grupelhos ignorantes de adulterados. Teve razões de sobra André Dumas, do Espiritismo Francês, em denunciar recentemente, em entrevista à revista Manchete, a situação católica e na verdade de anti-espírita do Movimento Espírita brasileiro. A domesticação clerical dos espíritas ameaça desfibrar todo o nosso povo, que por sua formação igrejeira tende a um tipo de alienação esquizofrênica que o Espiritismo sempre combateu, desde a proclamação de fé racional sempre no Kardec, contra a fé cega e incoerente, submissa e farisaica das pregações igrejeiras.

Jesus ensinou a orar e vigiar, recomendou o amor e a bondade, pregou a humanidade, mas jamais aconselhou a viver de orações e lamúrias, santidade fingida, disfarçada em vãs aparências de humildade, que são sempre desmentidas pelas ambições e a arrogância incontrolláveis do homem terreno. Para restabelecemos a verdade espírita entre nós e reconduzirmos o nosso movimento a uma posição doutrinária digna e coerente, é preciso compreender que a Doutrina Espírita é um chamado viril à dignidade humana, à consciência do homem para deveres e compromissos no plano social e no plano espiritual, ambos conjugados em face das exigências da lei superior da Evolução

Humana. Só nos aproximaremos da Angelitude, o plano superior da Espiritualidade, depois de nos havermos tornado Homens.

Os espíritas atuais, na sua maioria, tanto no Brasil como no mundo, não compreenderam ainda que estão num ponto intermediário da filogênese da divindade. Superando os reinos inferiores da Natureza, segundo o esquema poético de Léon Denis, na seqüência divinamente fatal de Kardec: mineral, vegetal, animal e homem, temos o ponto neutro de gravidade entre duas esferas celestes, e esse ponto é o que chamamos ESPÍRITA. As visões fragmentárias da Realidade se fundem dialeticamente na concepção monista preparada pelo monoteísmo. Liberto, no ponto neutro, da poderosa reação da Terra, o espírita está em condições de se elevar ao plano angélico. Mas estar em condições é uma coisa, e dar esse passo para a divindade é outra coisa. Isso depende do grau de sua compreensão doutrinária e da sua vontade real e profunda, que afeta toda a sua estrutura individual. Por isso mesmo, surge então o perigo da estagnação no misticismo, plano ilusório da falsa divindade, que produz as almas viajoras de Plotino, que nada mais são do que os espíritos errantes de Kardec. Essas almas se projetam no plano da Angelitude, mas não conseguem permanecer nele, cedendo de novo a atração terrena da encarnação. Muitas vezes repetem a tentativa, permanecendo errantes entre as hipóstases do Céu e da Terra. Plotino viu essa realidade na intuição filosófica e na vidência platônica. Mas Kardec a verificou em suas pesquisas espíritas, escudadas na observação racional dos fatos. Apoiados na Razão, essa bússola do Real, ele nos livrava dos psicotrópicos do misticismo, oferecendo-nos a verdade exata da Doutrina Espírita. Nela temos a orientação precisa e segura dos planos ou hipóstases superiores, sem o perigo dos ciclos muitas vezes repetidos do chamado Círculo Vicioso das Reencarnações, que os ignorantes pretendem opor à realidade incontestável da reencarnação. Pois se existe esse círculo vicioso, é isso bastante para provar o processo reencarnatório. O vício não está no processo, mas na precipitação dos homens e dos espíritos não devidamente amadurecidos, que tentam forçar a Porta do Céu.

Se no Brasil sofremos os prejuízos dos religiosismo ingênuo de nossa formação cultural, na França e nos demais países europeus – segundo as próprias declarações de André Dumas – o prejuízo provém de um cientificismo pretensioso, que despreza a tradição francesa da pesquisa científica espírita, procurando substituí-la pelas pesquisas e interpretações parapsicológicas. Esse menosprezo pedante pelo trabalho modelar de Kardec levou o próprio Dumas a desrespeitar a tradição secular da *Revue Spirite*, transformando-a num simulacro da revista científica do Ano 2.000. As pesquisas da parapsicologia seguiram o esquema de Kardec e foram cobrindo no tempo, sucessivamente, todas as conquistas do sábio francês. Pegada por pegada, Rhine e seus companheiros cobriram o rastro científico de Kardec. O mesmo já acontecera com Richet na metapsíquica, com Crookes e Zoller e todos os demais.

Toda a pesquisa psíquica honesta é válida, nesse campo, até mesmo a dos materialistas russos atuais ficaram presas ao esquema de Kardec, o que prova a validade irrevogável desta. Começando pela observação dos fenômenos físicos, todas as Ciências Psíquicas, nascidas do Espiritismo, fizeram a trajetória fatal traçada pelo gênio de Kardec e chegaram às suas mesmas conclusões. As discordâncias interpretativas foram sempre marcadas indelevelmente pelos preconceitos e as precipitações da advertência de Descartes no Discurso do Método e pela sujeição aos interesses das Igrejas, como Kardec já assinalara em seu tempo. A questão da terminologia é puramente supérflua e, como dissera Kardec, serve apenas para provar a leviandade do espírito humano, mesmo dos sábios, sempre mais apegado à forma que ao fundo do problema.

No Espiritismo o quadro fenomênico foi dividido por Kardec em duas seções: Fenômenos Físicos e Fenômenos Inteligentes. Na Metapsíquica, Richet apresentou o esquema de Metapsíquica objetiva e Metapsíquica subjetiva. Na Parapsicologia os fenômenos espíritas passaram a chamar-se Fenômeno Psi, com divisão de Psicapa (objetivos) e Psigama (subjetivos). Quanto aos métodos de pesquisa, Crookes e Richet ativeram-se à metodologia científica da época, e Rhine limitou-se a passar dos métodos

qualitativos para os quantitativos, inventando aparelhagens apropriadas aos processos tecnológicos atuais, apelando à estatística como forma de controle e comprovação dos resultados, o que simplesmente corresponde às exigências atuais nas Ciências. Kardec teve a vantagem de haver acentuado enfaticamente a necessidade de adequação do método ao objeto específico da pesquisa. O próprio método hipnótico de regressão da memória, para as pesquisas da reencarnação aplicado por Albert DeRochas do século passado, foi aproveitado pelo Prof. Vladimir Raikov. Na Romênia, o preconceito quanto ao Espiritismo gerou uma nova denominação para Parapsicologia: Psicotrônica. Com esse nome rebarbativo, os materialistas romenos pretendem exorcizar os perigos de renascimento espírita em seu país.

Todos esses fatos nos mostram que a Doutrina Espírita não chegou ainda a ser conhecida pelos seus próprios adeptos em todo o mundo. Integrado no processo doutrinário de trabalho e desenvolvimento, o Centro Espírita carecia até agora de um estudo sobre as suas origens, o seu sentido e a sua significação no panorama cultural do nosso tempo. É o que procuramos fazer neste volume, com as nossas deficiências, mas na esperança de que outros estudiosos procurem completar o nosso esforço. Lembrando o Apóstolo Paulo, podemos dizer que os espíritas estão no momento exato em que precisam desmamar das cabras celestes para se alimentarem de alimentos sólidos. Os que desejam atualizar a Doutrina, devem antes cuidar de se atualizarem nela

1

Função e Significação

O Centro Espírita não é templo nem laboratório – é, para usarmos a expressão espírita de Victor Hugo: point d’optique do movimento doutrinário, ou seja, o seu ponto visual de convergência. Podemos figurá-lo como um espelho côncavo em que todas as atividades doutrinárias se refletem se unem, projetando-se conjugadas no plano social geral, espírita e não espírita. Por isso mesmo a sua importância, como síntese natural da dialética espírita, é fundamental para o desenvolvimento seguro da Doutrina e suas práticas. Kardec avaliou a sua importância significativa no plano da divulgação e da orientação dos Grupos, explicando ser preferível a existência de vários Centros pequenos e modestos numa cidade ou num bairro, à existência de um único Centro grande e suntuoso.

Um Centro Espírita pequeno e modesto – como na maioria são – atrai as pessoas realmente interessadas no conhecimento doutrinário, cria um ambiente de fraternidade ativa em que as discriminações sociais e culturais desaparecem no entrelaçamento de todos os seus componentes, considerados como colaboradores necessários de uma obra única e concreta. O ideal é o Centro funcionar em sede própria, para maior e mais livre desenvolvimento de seus trabalhos, mas enquanto isso não for possível, pode funcionar com eficiência numa sala cedida ou alugada, numa garagem vazia ou mesmo numa dependência de casa familiar. As objeções contra isso só podem valer quando se trate de casas em que existam motivos impeditivos materiais ou morais.

Muitos Centros Espíritas surgiram do desenvolvimento de grupos familiares, desligando-se mais tarde da residência em que formara. A alegação de que a casa fica infestada ou coisas semelhantes é contraditada pela experiência. Um trabalho de amor ao próximo, feito com sinceridade e intenções elevadas, conta com a proteção dos Espíritos benevolentes e a própria defesa de suas boas intenções. Os Centros oriundos de grupos familiares mos-

tram-se mais coesos e mais abertos conservando a seiva fraterna de sua origem. É esse o clima de que necessitam os trabalhos doutrinários.

Organizado o Centro, com uma denominação simples e afetiva, com o nome de um Espírito amigo ou de uma figura espírita abnegada, de pessoa já desencarnada, preparados, aprovados em assembléia geral e registrados em estatutos, sua função e significação estão definidas como estudo e prática da Doutrina, divulgação e orientação dos interessados, serviço assistencial aos espíritos sofredores e às pessoas perturbadas, sempre segundo o Codificação de Allan Kardec. Sem Kardec não há Espiritismo, há apenas mediunismo desorientado, formas do sincretismo religioso afro-brasileiro, confusões determinadas por teorias pessoais de pretensos mestres.

Dirigentes, auxiliares e freqüentadores de um Centro Espírita bem organizado sabem que a obra de Kardec é um monumento científico, filosófico e religioso de estrutura dinâmica, não estática, mas cujo desenvolvimento exige estudos e pesquisas do maior rigor metodológico, realizadas com humanidade, bom-senso, respeito à Doutrina e condições culturais superiores. Opiniões pessoais, palpites de pessoas pretensiosas, livros mediúnicos ou não de conteúdo mistificador, cheios de absurdos ridículos – seja o autor quem for – não têm nenhum valor para um verdadeiro Centro Espírita.

Cada Centro Espírita tem os seus protetores e guias espirituais que comprovam a sua autenticidade pelos serviços prestados, pelas manifestações oportunas e cautelosas, pela dedicação aos princípios kardecianos. A autoridade moral e cultural dos dirigentes e dos espíritos protetores e guias de médiuns e trabalhos decorre da integração dos mesmos na orientação de Kardec. O Centro que se esquece disso cai fatalmente em situações negativas, adotando práticas anti-espíritas e enveredando pelo caminho da traição a Kardec e ao Espírito da verdade. As conseqüências dessa falência são altamente prejudiciais a todo movimento espírita. Não se trata de nenhum problema sobrenatural, mas simplesmente de falta de vigilância – principalmente contra o orgulho e a vaidade, que levam muitas pessoas a quererem

evidenciar-se mais do que outras. Isso acontece também em todos os campos da atividade humana, nos quais encontramos cientistas pretensiosos e sistemáticos, negociantes fraudulentos, médicos apegados às suas idéias próprias. A pretensão humana não tem limites e cada indivíduo pretensioso está sempre assessorado por entidades mistificadoras.

A Ciência Espírita é um organismo vivo, de natureza conceptual, estruturada em leis psicológicas, ou seja, em princípios espirituais e racionais. Essa estrutura é íntegra, perfeita, harmoniosa, e não podemos violentar um só dos seus princípios sem pôr em perigo imediato todo o seu sistema. No Centro Espírita em que essa compreensão da doutrina não se desenvolve, na verdade não existe Espiritismo, mas apenas um vago desejo de atingi-lo. As raízes dessa estrutura conceptual estão no Cristianismo, não em seu aspecto formal-igrejeiro, mas em sua existência evangélica, definida da Codificação Kardeciana. Os evangelhos canônicos das Igrejas Cristãs estão carregados de elementos da Era Mitológica e superstições judaicas. São esses elementos do passado pagão-judeu que deformaram o ensino puro de Jesus, permitindo interpretações flagrantemente contrárias ao que Jesus ensinou e exemplificou. No livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e no livro “A Gênese” Kardec mostrou como podemos restabelecer a pureza das raízes evangélicas, usando a pesquisa histórica das origens cristãs, o método analítico-positivo de estudo histórico e o método lógico comparativo dos textos. Sem a pureza das raízes não teremos a pureza dos textos e cairemos facilmente nas trapaças ou nas ilusões dos mistificadores encarnados e desencarnados.

Nas primeiras comunidades cristãs, onde o culto pneumático¹ era praticado, manifestavam-se espíritos furiosos, defensores de suas crenças antigas, que injuriavam o Cristo e seus adeptos. O culto constituía a parte prática do ensino espírita de Jesus. Na I Epístola aos Coríntios o Apóstolo Paulo dá instruções à comunidade de Corinto sobre a realização desse culto, ensinando até mesmo como os médiuns (então chamados profetas) deviam se comportar na reunião. Os Espíritos se manifestavam pelos médiuns e eram doutrinados pelos participantes do culto. Esse

trecho expressivo encontra-se no t3pico da ep3stola que trata dos Dons Espirituais. N3o obstante, as Igrejas Crist3as deram interpreta33es inadequada e absurda a esse trecho, como fizeram com todos os trechos do Evangelho em que Jesus se refere 3 reencarna33o. Incapazes de doutrinar os esp3ritos mistificadores ou agressivos, que atacavam Jesus e sua miss3o, os que se ligaram ao Imp3rio Romano suprimiram o culto pneum3tico, alegando que as entidades que neles se manifestavam eram diab3licas. Essa a raz3o porque Igrejas Crist3as repelem at3 hoje o Espiritismo como pr3tica diab3lica, rejeitando as manifesta33es esp3ritas.

Num Centro Esp3rita bem organizado esses problemas s3o estudados e ensinados, para que as pessoas interessadas no ensino real do Cristo possam compreender o sentido do Espiritismo. Sem isso, o Centro Esp3rita deixa de cumprir a sua miss3o na grande obra de restaura33o do Cristianismo em esp3rito e verdade. O que o Espiritismo busca 3 a verdade crist3a, cumprindo na Terra a promessa de Jesus, que atrav3s de Kardec e seu guia Espiritual, o Esp3rito Superior que deu a Kardec, quando este lhe perguntou quem era, esta resposta simples: “Para voc3, eu sou A Verdade”. O Centro Esp3rita significa, assim, uma fortaleza espiritual da grande batalha para o restabelecimento da verdade crist3a na Terra. Mas tudo isso deve ser encarado de maneira racional e n3o m3stica, no Centro Esp3rita. Ningu3m est3 ali investido de prerrogativas divinas, mas apenas de obriga33es humanas.

2

Os Serviços do Centro

No desempenho da sua função, o Centro Espírita é, sobretudo, um centro de serviços ao próximo, no plano propriamente humano e no plano espiritual. O ensino evangélico puro, as preces e os passes, o trabalho de doutrinação representam um esforço permanente de esclarecimento e orientação de espíritos sofredores e de suas vítimas humana, que geralmente são comparsas necessitados da mesma assistência. Muitas criaturas perguntam se os espíritas não são pretensiosos e orgulhosos, ao se julgarem capazes de esclarecer espíritos desencarnados. Acham que esse é um serviço dos Espíritos Superiores e não dos homens. Chegam a fazer cálculos para demonstrar aos espíritas que esse trabalho é em vão, pois o número de espíritos que podem assistir em suas sessões é diminuto. Esquecem-se de que toda atividade esclarecedora, em qualquer campo, vale mais pela sua possibilidade de propagação. A dinâmica da comunicação é o principal fator da eficiência nesses casos. São muitos os exemplos históricos nesse sentido, mas nenhum é mais claro que o de Jesus, servindo-se de um pequeno grupo de pessoas para modificar com seus ensinamentos, mesmo deturpados pela ignorância, a face do mundo.

Nas sessões espíritas não se pretende abranger todos os espíritos necessitados – o que seria impossível – mas cuidar daqueles que estão mais ligados a nós. A doutrinação de um espírito perturbado é quase sempre o pagamento de uma dívida nossa para aquele espírito. Se o prejudicamos ontem, hoje o socorremos. E ele, socorrido, torna-se um novo assistente da grande batalha pelo esclarecimento geral. Cada espírito que conquistamos para o bem representa um novo impulso na luta, o acréscimo de mais um companheiro, um aumento do bem. Devemos sempre lembrar que o bem é contagiante. Se libertarmos uma vítima da obsessão na Terra, libertamos outra no mundo espiritual que nos cerca. Essa multiplicação se processa num crescendo, atingindo progressivamente a centenas de pessoas e espíritos.

Alegam alguns que os espíritos perturbados são assistidos no próprio plano espiritual. Mas Jesus, por acaso, deixou de assistir aos espíritos necessitados, aqui mesmo, na Terra? Pelo contrário, os assistiu e mandou ainda os seus discípulo fazerem o mesmo. A experiência espírita confirma o acerto do atendimento terreno, demonstrando cientificamente que os espíritos desencarnados, mas ainda muito apegados às condições da vida material, precisam de assistência mediúnica para se livrarem desse apego. Nas sessões, como observou o sábio francês Gustavo Geley, a emanção de ectoplasma forma um ambiente favorável às relações dos espíritos com os homens. Nesse ambiente mediúnico os espíritos apegados à matéria sentem a impressão de maior segurança, como se estivessem novamente encarnados. Muitas vezes, nas sessões, Espíritos orientadores servem-se de um médium para doutrinar mais facilmente essas entidades confusas. Isso confirma a dificuldade, acentuada por Kardec, que Espíritos mais evoluídos encontram para esclarecer os inferiores no plano espiritual. As sessões espíritas de doutrinação e desobsessão provaram sua eficácia desde Kardec até os nossos dias, enquanto as opiniões contrárias não se firmam senão em opiniões pessoais, palpites deduzidos de falsos raciocínios, por falta de real conhecimento desse grave problema.

Os que hoje procuram diminuir o valor e a importância dessas sessões nos Centros não passam de palpiteiros. Os Centros Espíritas bem organizados e bem orientados não se deixam levar por esses palpites, pois possuem suficiente experiência nesse campo altamente melindroso de suas atividades doutrinárias. Da mesma maneira, os que pretendem que as sessões dos Centros sejam dedicadas apenas às manifestações de Espíritos Superiores, revelam egoísmo e falta de compreensão doutrinária. A parte mais importante e necessária das atividades mediúnicas, mormente em nossos dias, é precisamente a da prática doutrinária da desobsessão. Trabalhar nesse setor é dever constante dos médiuns esclarecidos e dedicados ao bem do próximo. O estado de confusão a que chegou a Psicoterapêutica em nossos dias, e particularmente a Psiquiatria, exige redobrado esforço dos Centros no trabalho de doutrinação e de desobsessão. Milhões de

vítimas, no mundo inteiro, clamam pelo socorro de métodos mais eficientes de cura psicoterapêutica, que só o Espiritismo pode oferecer, graças às suas experiências de mais de dois séculos nesse campo. O Centro Espírita guarda esse acervo maravilhoso em sua tradição e não pode recuar diante dos sofismas da atualidade trágica e pretenciosa.

As comunicações dos Espíritos Superiores são dadas no momento preciso, mesmo em meio do aparente tumulto das sessões de desobsessão. É muito agradável recebermos comunicações elevadas de Espíritos Superiores, mas só as merecemos depois de cuidarmos com atenção e abnegação dos Espíritos Sofredores. Quando recusamos essas oportunidades redentoras os Superiores se afastam e o campo fica aberto aos mistificadores, como o sabem, muitas vezes por duras experiências próprias, os que procuram acomodar-se na bênção sem merecimento.

Os serviços assistenciais à pobreza, prestados pelos Centros Espíritas, constituem a contribuição espírita para o desenvolvimento de nova mentalidade social em nosso mundo egoísta. Não basta semear idéias fraternistas entre os homens; é necessário concretizá-las em atos pessoais e sinceros. O Centro Espírita funciona como um transformador de idéias fraternas em correntes de energias ativas nesses planos. Em suas turbinas invisíveis as idéias se transformam em atos de amor e de dedicação ao próximo. Há os que combatem a esmola, a doação gratuita de ajuda material aos necessitados. Querem a criação de organismos sociais capazes de modificar o panorama da miséria com recursos de ensino e encaminhamento dos infelizes a situações melhores. Isso é o ideal, e muitos Centros e outras formas de instituições espíritas conseguiram fazê-lo. Mas quando escasseiam recursos e meio de se fazer isso, é justo que deixemos os pobres à mingua na sua impotência? Há misérias tão cruciantes que têm de ser atendidas agora, neste momento. Negar auxílio, nesses casos, a pretexto de que estamos sonhando com medidas melhores é falta de caridade, comodismo disfarçado em idealismo superior. O Centro Espírita é instrumento de ação imediata e age de acordo com as necessidades urgentes. Sem o atendimento a

essas necessidades, as vítimas da injustiça social não poderão esperar as brilhantes realizações futuras.

Como ensinou Kardec, devemos esperar que as utopias se tornem realidades, para depois as aceitarmos. As pessoas que censuram esse esforço de ajuda aos necessitados, defendendo ideais de reforma social, alienam-se da cruciante realidade em que vegetam os que não dispõem de meios para o próprio sustento. Geralmente esses ideólogos de um mundo melhor que deve surgir por milagre ou por abalos sociais, acusam os espíritas de alienados, comodistas e divorciados da realidade, quando, entretanto, são eles que se alienam. O Centro Espírita não pode se entregar, pois aos seus princípios. Seu objetivo é o bem de todos e não o desta ou daquela camada da população. A evolução social depende da evolução dos homens, que constituem e formam os organismo sociais. É pelo exemplo de fraternidade, e não pela violência, que podemos melhorar o mundo. A Revolução Cristã não se processou a golpes de violência, mas ao custo de sacrifício e abnegação, de profundo respeito pela criatura humana. Não importa se essa criatura é um potentado ou um mendigo. A Revolução Espírita, que é filha e herdeira da Revolução Cristã, não se faz ao poder precário e ilusório das armas destruidoras, mas ao ritmo das modificações nas consciências dos homens, na busca de paz e compreensão para que as atrocidades desapareçam da Terra. Não podemos apagar fogo com gasolina, nem consertar o mundo com a substituição de castas no poder.

Os serviços de assistência ao próximo só podem retardar o avanço da violência, ao mesmo tempo que aceleram o desenvolvimento moral e espiritual da Humanidade. É desse desenvolvimento, e exclusivamente dele, que poderá surgir na Terra uma civilização superior. O Centro Espírita não pode trocar os seus serviços de amor e fraternidade pelo acirramento das lutas entre grupos e classes. Ele apela aos valores da inteligência, que através da razão equilibrada e da compreensão profunda das necessidades humanas, conduzem os homens à solução e não apenas a tentativas de maiores conflitos.

Um espírita não pode pensar apenas em termos da realidade imediata. A concepção dialética do Espiritismo não se funda no exame das contradições superficiais do mecanismo social. Aprofunda-se no exame do dinamismo complexo das ações e reações dos indivíduos e dos grupos sociais que estruturam a sociedade. Reduzir toda essa complexidade às manifestações efêmeras dos estágios evolutivos de uma sociedade é negar ao homem a possibilidade de lutar para compreender os problemas com que se defronta no processo existencial. Viver e existir são duas possibilidades do ser que se projeta na encarnação. Nos planos inferiores dos reinos mineral e vegetal a vida é movimento e sensação, mas nos estágios intermediários da animalidade se converte em conquista e domínio, elevando-se no plano hominal à consciência de si mesma da busca da transcendência. Nesse plano, o ser humano assume a responsabilidade da busca e só existe realmente superando as fases inconscientes do seu desenvolvimento, na medida exata em que sabe o que quer e porque o quer.

Esse “o que” e esse “porque” têm então de superar-se a si mesmo na conquista do “como”, ou seja: de que maneira poderá continuar a elevar-se. Assim como a conquista material do plano animal se transforma na conquista do conhecimento de si mesmo e do seu destino transcendente, todas as demais atividades do homem levam à consciência, o que dá ao ser a sua unidade. Consciente dessa unidade interna, o homem supera então a multiplicidade da sua própria estrutura e do mundo. Revela-se nele a centelha divina da sua origem espiritual. Ele compreende que é espírito e que esse espírito não pode desfazer-se com a morte, pois a sua essência é indestrutível e eterna. Esse é o momento espírita da redenção, em que o espírita capta a sua imortalidade em sua própria consciência e muda a maneira de ser diante do mundo ilusório e transitório.

Desse momento em diante o espírito se integra no Centro Espírita, liga-se a ele, não como um serviçal, mas como o próprio serviço. A multiplicidade dos serviços do Centro adquire em sua consciência a mesma unidade conquistada por esta. Ao mesmo tempo, a visão da unidade existencial, em que todos os serviços se fundem no serviço único da Humanidade, desperta nele o

sentimento e a compreensão do seu dever único – servir a Deus no serviço ao próximo.

Tudo o que ele fizer, dali por diante, será um fazer universal, não ligado a ele ou ao Centro, não confinado na sua pessoa e no seu grupo, nem mesmo restrito ao meio espírita, mas naturalmente extensivo a toda a Humanidade. Os pioneiros do Espiritismo, a partir de Kardec, todas as grandes figuras que souberam dar-se ao Espiritismo ao invés de apossar-se dele, fizeram essa caminhada redentora, passaram por gigantesca odisséia espiritual, temperando-se nas encarnações sucessivas para reimplantar na Terra a semente do Cristo, na ressurreição do seu Evangelho, da sua Boa Nova em “espírito e verdade”.

Como se vê, o Centro Espírita é realmente um centro de convergência de toda a dinâmica doutrinária. Nele iniciam-se os neófitos, revelam-se os médiuns, comunicam-se os Espíritos, educam-se crianças e adultos, libertam-se os obsedados, estuda-se a Doutrina em seus aspectos teóricos e práticos, promove-se a assistência social a todos os necessitados, sem imposições e discriminações, cultiva-se a fraternidade pura que abre os portais do Futuro. A coordenação das atividades de um Centro Espírita bem orientado é praticamente automática, resultando do clima fraterno em que todos se sentem como em família, ajudando-se mutuamente. É nessa comunhão de esforços que os espíritas podem antecipar as realizações mais fecundas. Mas se no Centro se infiltra o espírito mesquinho das intrigas, das pretensões descabidas, das aversões inferiores, os dirigentes necessitam de muita paciência e tolerância para quebrar as arestas e restabelecer a atmosfera espiritual. Nunca, porém, deverão renunciar aos seus deveres, o que seria uma deserção, a menos que o façam reconhecendo humildemente os seus erros e continuando no Centro para servir melhor, em cargos inferiores ou mesmo sem cargos. Nada mais triste do que um Centro Espírita em que alguns se julgam mestres dos outros, quando na verdade ninguém sabe nada e todos deviam colocar-se na posição exata de aprendizes. Os serviços mais urgentes de cada Centro são os de instrução doutrinária de velhos e novos adeptos, tanto uns como

outros carentes de conhecimento doutrinário. Bem executado esse serviço, todos os demais serão feitos com mais facilidade.

3

O Centro e a Comunidade

O centro Espírita não surge arbitrariamente, nem por determinação de alguma instituição superior do movimento doutrinário. Ele é sempre o produto espontâneo de uma comunidade espírita que se formou num bairro, numa vila ou numa cidade. Essa comunidade é sempre extremamente heterogênea, formada por espíritas e simpatizantes da Doutrina, membros de correntes espiritualistas diversas e de religiosos indecisos ou insatisfeitos com as seitas a que se filiaram ou que pertencem por tradição familiar. Há, porém, um denominador comum para essa mistura: o interesse pelo Espiritismo. Esse interesse, por sua vez, decorre de vários motivos, entre os quais predominam a ocorrência de fatos mediúnicos nas famílias, geralmente em formas de perturbações psíquicas.

Dessa maneira, os fundadores do Centro e seus auxiliares enfrentam desde o início muitos problemas e dificuldades. É necessária a presença de uma pessoa que tenha conhecimento doutrinário e experiência da prática mediúnica, para que o Centro não fracasse nos seus primeiros meses de existência. Não havendo no grupo fundador uma pessoa nessas condições, é necessário recorrer-se a pessoas de Centro das proximidades, que sempre atendem de boa-vontade. O Espiritismo não é proselitista, não entra na disputa sectária de adeptos das religiões, mas devem os espíritas, necessariamente, interessar-se pelos que se interessam pela Doutrina. Esclarecer e orientar sempre é dever espírita.

O conhecimento dos problemas mediúnicos exige estudo incessante das obras básicas de Allan Kardec, particularmente estudos permanentes do Livro dos Médiuns e leitura metódica da Revista Espírita de Kardec, em que os leitores encontram, além de numerosas instruções, relatos de fatos e observações de pesquisas que muito ajudam no trato de problemas atuais. Sem estudo constante da Doutrina não se faz Espiritismo, cria-se apenas uma rotina de trabalhos práticos que dão a ilusão de eficiência. Estudo e pesquisa, observação constante dos fatos,

análise das mensagens recebidas, observação dos médiuns, exigência de educação mediúnic, com advertências constantes para que os médiuns aprendam a se controlarem, não se deixando levar pelos impulsos recebidos das entidades comunicantes – esse é o preço de trabalhos mediúnicos eficazes. Mas, acima de tudo e antes de tudo: humildade. Porque Espiritismo sem humildade é água poluída, cheia dos germes da pretensão, da vaidade, do orgulho que atraem os espíritos inferiores. Um presidente de Centro não é Presidente da República e um doutrinador não é um sábio. Pelo contrário, são criaturas necessitadas, que estão aprendendo a arte difícil de servir e não a de baixar decretos, dar ordens e humilhar os outros em públicos. Sem humildade, que gera e sustenta o amor ao próximo, nem o estudo pode dar frutos. Por outro lado, sem estudo os frutos da humildade não produzem amor, mas fingimento, hipocrisia de maneira e fala melosa, de voz impostada para imitar anjos.

O Espiritismo é natural e exige naturalidade dos que pretendem vivê-lo no dia-a-dia, em relação natural e simples com o próximo. Os maneirismo, as modulações artificiais da voz, os excessos de gentileza mundana e tudo quanto representa artifício de refinamento social, deformando a natureza humana a pretexto de aprimorá-la, não encontraram aceitação nos meios verdadeiramente espíritas. Algumas instituições começaram a adotar, há alguns anos, treinamento de voz e de gesticulação para jovens espíritas. Alguns Centros aderiram e essas encenações, estimulados por mensagens espirituais que aconselham brandura e bondade no trato com os semelhantes. Espíritos ainda apegados aos formalismos religiosos do passado chegaram a recomendar modismos nesse sentido. Nem Jesus nem Kardec se utilizaram nem recomendaram essas imitações da hipocrisia farisaica. O que o Espiritismo objetiva é a transformação interior das criaturas, para que se tornem mais esclarecidas e com isso, dotadas de mente mais arejada e coração mais puro.

No Centro Espírita devemos manter a mais plena naturalidade de comportamento, dentro das normas naturais do respeito humano. As modificações exteriores, precisamente por serem forçadas e, portanto, mentirosas, não exercem nenhuma influên-

cia em nosso interior. O contrário é que vale: quem exercitar-se na prática das boas ações, da verdade e da sinceridade, modificará sem querer e perceber o seu comportamento, sem nenhum dos sintomas desagradáveis de fingimento e hipocrisia. O Espiritismo, que nos foi legado pelo Cristo através do Espírito da Verdade, não pode adotar os expedientes da mentira. O Centro Espírita tem mais com que se preocupar, do que com essas repetições de um longo passado de traições e perfídia, em que sacerdotes treinados nos gestos e expressões de piedade, mandavam queimar vivos os seus semelhantes em nome do Cristo.

A facilidade com que a maioria das pessoas aceita livros de evidente mistificação, como os Evangelhos de Roustaing, as obras de Ramatis e tantas outras, eivadas de contradições e de passagens ridículas, destinadas especialmente a ridicularizar a Doutrina, provém dos milênios de sujeição das massas à mistificação clerical. No Espiritismo não objetivamos o domínio do mundo por nenhuma forma igrejeira, através de engodos demagógicos, mas unicamente o esclarecimento das criaturas para que a Terra se eleve em suas condições morais e espirituais. O sistema igrejeiro de adulação aos médiuns, no desejo de obter as suas graças, é outra raiz amarga que nos vem do passado religioso, mas que não deve ser cultivado no Centro Espírita. O médium adulado, louvado a todo instante, cercado de admiradores como um cantor popular, artista de novela de tv ou jogador de futebol, acaba perdendo a sua naturalidade, recorrendo a expedientes ridículos para conservar o seu prestígio e geralmente chega em falência ao fim da sua missão. Os exemplos são muitos e dolorosos, no mundo inteiro. Essa situação constrangedora coloca o Espiritismo em pé de igualdade com as religiões formalistas, deturpando-lhe a imagem real. Médiuns, expositores e escritores espíritas não são luminares nem santos, mas criaturas falíveis que podem também cair a qualquer instante de seus falsos pedestais. Devemos respeitar naturalmente a essas criaturas como nossos irmãos dedicados à Doutrina (quando não a traem em favor de suas opiniões pessoais); sim, devemos respeitá-los e louvar os seus esforços, mas sem cairmos no exagero de idolatrias beatas.

O conceito de mediunidade que vigora entre nós, na maioria esmagadora dos Centros, é espantosamente ambivalente e, portanto, contraditória. Afirma-se ao mesmo tempo que a mediunidade é uma graça e uma provação, que os médiuns são espíritos grandemente faltosos, não obstante adorados como enviados de Deus. Os que estudam seriamente a Doutrina logo percebem a falsidade desse conceito. A mediunidade é uma faculdade natural da espécie humana, como todas as demais faculdades. Toda criatura humana é naturalmente dotada de mediunidade. Kardec observou a existência da mediunidade generalizada. Mas a mediunidade manifesta-se nas criaturas em diferentes graus de desenvolvimento. Todos somos médiuns, todos possuímos o que hoje se chama de percepção extra-sensorial, segundo a terminologia parapsicológica. É natural que os que revelam graus mais intensos de mediunidade, prestando-se por isso a trabalhos mediúnicos, sejam especificamente designados como médiuns, da mesma maneira por que todos possuímos inteligência, mas só os que possuem em grau excepcional são designados como “uma inteligência”, merecendo os louvores e o respeito dos que não atingiram esse grau.

Os médiuns são os elementos principais da ligação do Centro Espírita com a comunidade social do bairro ou da cidade. São mesmo como os elos genésicos dessa ligação. Suas faculdades mediúnicas exercem atração natural sobre a comunidade e os serviços que prestam no Centro ou nos atendimentos eventuais, fora dele, ampliam a simpatia popular pelo Centro. Essa função do médium é natural e inconsciente. Partes integrantes da comunidade, vivendo no meio do povo como povo, sem nenhum título especial que os separe da massa, quanto mais simples e despreziosos eles forem, mais eficientes serão na sua função espontânea de elos. Quando o médium é pedante, pretensioso, contador de vantagens, sabereta, arrogante, essas “antivirtudes” o transformam em elemento negativo na dinâmica social. Por isso o médium deve compreender bem a sua condição de criatura normal integrada no povo e não de elemento excepcional, dotado de poderes divinos ou convencido de possuí-los. Os dirigentes do Centro podem reforçar ou enfraquecer as ligações deste com a

comunidade. Basta um presidente arrogante, sempre disposto a criticar e humilhar os adeptos de seitas existentes na comunidade, para que os elos estabelecidos pelos médiuns sejam rompidos. Atacar religiões e práticas religiosas dos outros é o meio mais fácil de afastá-los do Centro. Essa crítica pode e deve ser feita em termos de comparação histórica, nas reuniões especiais de estudo doutrinário, com ampla liberdade de discussão a respeito, reconhecendo-se a existência dos fatores temporais que no passado, foram benéficos à solução espiritual dos homens, tornando-se mais tarde prejudiciais ao esclarecimento espiritual do povo. Mesmo assim, é conveniente evitar exageros, para que esses debates elucidativos não se transformem em pedra de tropeço para as pessoas simples e de boa-fé. Em todas as atividades do Centro deve prevalecer o princípio de amor e respeito ao próximo, não para atrair simpatias, mas para não causar aborrecimento e prevenções nas pessoas que desejam adquirir conhecimentos renovadores.

O Centro Espírita não é um instrumento de conversões, mas também não pode ser um instrumento de dissensões. O Espiritismo não quer impor-se aos outros, mas ajudar e esclarecer os que o procuram. Se existirem na comunidade elementos, desses que fazem de cada espírita um diabo disfarçado em gente, um instrumento do diabo para enganar as almas, o Centro não deve aceitar as suas provocações negativas. Essas pessoas, geralmente exaltadas e insolentes, são vítimas de seu próprio temperamento e também das deformações sectárias do Cristianismo e das épocas de fanatismo, maldições, excomunhões e perseguições, que embora distantes, ainda permanecem no inconsciente de muitas criaturas, forçando-as a atitudes anticristãs e ridículas. Hoje os tempos são outros e o Centro Espírita pode responder a essas agressões – como fazia Kardec – não com revides violentos, mas com esclarecimentos serenos e fraternos.

Mas temos de vigiar a nossa tolerância, para não cairmos no charco da hipocrisia, no fingimento de uma bondade que não possuímos. A regra de comportamento espírita deve ser a de Jesus: “mansos como as pombas, prudentes como as serpentes”. O Centro Espírita guarda em seu seio as colheitas da Verdade e

precisa defendê-las, mantê-las puras e vivas, para com elas saciar a fome do mundo. Jesus imolou-se por essa colheita de sua própria sementeira, mas enquanto foi necessário defender a seara manteve atitudes viris contra os pregoeiros da mentira e da ilusão. Se deixarmos o Centro abandonado à fúria dos fariseus, eles o destruirão sem nenhum escrúpulo, sob rajadas de calúnias e perfídias. O Centro Espírita é a pequena e humilde fortaleza da Verdade na Terra da Mentira. Tem a obrigação de lutar para que a Verdade prevaleça em toda a sua dignidade.

A incapacidade humana para assimilar os ensinamentos de Jesus levou o Cristianismo a dois extremos que somente Kardec soube rejeitar, estabelecendo o equilíbrio na balança do bom-senso. Os espíritas não podem oscilar entre o extremo da arrogância criminosa, geradora de guerras e destruições, e o extremo da covardia disfarçada em humildade, que sempre cala e tudo cede aos insolentes agressores. Há um limite para a tolerância, traçado por Jesus em torno da mulher inerte que os hipócritas queriam apedrejar.

Propagou-se no meio espírita, através de mensagens mediúnicas emotivas, tendendo a um masoquismo de cilícios e autopunições, a estranha idéia de que a virilidade só pertence aos cultores da violência. Voltamos assim ao sistema igrejeiro dos rebanhos de ovelhinhas inocentes devoradas por lobos famintos sem qualquer possibilidade de defesa. Entregues a essa idéia derrotista, o meio espírita abastardou-se a ponto de até mesmo recusar-se a defender a Doutrina aviltada pela ignorância travestida de bondade e doçura. A falsa imagem do “Meigo Nazareno”, que a tudo cedia – comprometendo a sua própria missão – apagou na mente de adeptos desprevenidos a imagem viril de Jesus empunhando o chicote no Templo contra vendilhões. Já é tempo de compreendermos que estamos na Terra para conquistar e defender a dignidade humana, sem nos curvarmos atemorizados ante as investidas da impostura. Quem não defende a Verdade traída e conspurcada pela mentira não é digno dela. E quem não é digno da Verdade entrega-se à mentira. Jesus enfrentou os mentirosos atrevidos, num dos pátios do Templo como nos revela o Evangelho de João, dizendo-lhes face a face: “Vós sois do Diabo e

vosso pai foi ladrão e assassino desde o princípio”. Duras palavras, a que os mentirosos quiseram responder com pedradas. Mas Jesus desapareceu, ensinando-lhes que as pedras da mentira não podem atingir o alvo da Verdade. Os espíritas seráficos, candidatos apressados a uma angelitude que ainda estamos longe de alcançar na Terra, não compreendem o sentido desse trecho evangélico e são capazes de expungí-lo do Evangelho em nome de uma santidade covarde que Jesus jamais ensinou. A figura evangélica de Jesus é recortada em traços fortes e viris. Sua coragem de encarnar-se na Terra para enfrentar os poderes do mundo como homem, sua audácia na condenação dos poderosos do tempo, sem recorrer a sofismas, sua bravura ao entregar-se para o sacrifício da cruz para ensinar aos homens a glória de morrer pela Verdade – são lições que devemos aprender, se quisermos nos fazer dignos de segui-lo.

O Centro Espírita se entranha naturalmente na comunidade, é parte dela, um órgão ativo e operante da estrutura social. Por mais humilde e simples que seja, é uma fonte de consolações, um posto de orientação para os que se aturdem e se transviam, mãos amigas estendidas na bênção do passe, canal sempre aberto da caridade e do amor. Mas é também a trincheira serena e vigilante da Verdade, o tribunal que não condena, mas ajuda e absorve através do esclarecimento espiritual. Os que buscam a paz e a esperança encontram nele a compreensão que pacifica o espírito e a razão que justifica a fé nas provas da Verdade. Por tudo isso a sua posição na comunidade é a de um coração comum aberto a todos e de uma consciência lúcida a orientar a todos, na permanente doação dos ensinamentos e socorros gratuitos.

A responsabilidade dos dirigentes e colaboradores dessa instituição cristã, humilde e simples é, entretanto, grandiosa e complexa. A voz dos espíritos soa dia-e-noite no silêncio dessa concha acústica da Verdade, no murmúrio secreto das fontes da intuição, advertindo aos que sofrem e aos que gozam quanto à precariedade das ilusões terrenas e a eternidade das leis da vida no Universo infinito. Quanto mais simples é o Centro em bens materiais, maior é a sua riqueza em bens espirituais.

4

Raízes Africanas

O Centro Espírita apresenta-se, às vezes, entre nós, na dupla forma de Centro e de Terreiro. Isso repugna à maioria dos espíritas que vêem no Terreiro uma explosão de práticas supersticiosas africanas, inegavelmente de origem selvagem. Na verdade, isso acontece por falta de estudo da Doutrina Espírita nos Centros. Os culpados desse fato não são as pessoas simples que acreditam mais na força dos Orixás do que na ajuda inteligente dos Espíritos esclarecidos. A culpa é dos dirigentes de Centros que se atrevem a dirigi-los sem tomar conhecimento dos mais rudimentares princípios do Espiritismo. Em última instância, a culpa é da nossa pobreza cultural. O que não deve escandalizar tanto, pois também nas altas camadas da cultura nacional e mundial, muitos doutores em coisas várias fazem a mesma confusão. Mesmo nas Universidades do Brasil e do Mundo, onde os problemas culturais são ampla e minuciosamente examinados, os doutores em Sociologia revelam, até mesmo em suas teses de doutoramento, pasmosa ignorância a respeito, usando a palavra Espiritismo, nome culturalmente consagrado da Doutrina Espírita, para designar as mais variadas manifestações de magia primitiva e de mediunismo popular.

Ante essa ignorância generalizada, não podemos condenar a nossa gente humilde por tais confusões. A palavra Espiritismo foi criada por Kardec para designar a Doutrina que ele formulou, com os dados da revelação dos Espíritos Superiores, transmitidos por médiuns em suas sessões experimentais, e com os dados de suas pesquisa pessoais a das ilações que delas naturalmente tirara. Essa Doutrina, como o reconheceram todos os estudiosos sérios no Mundo, constitui-se de partes sucessivas, referentes aos do Conhecimento: a Ciência, a Filosofia, a Moral e a Religião. Kardec sempre considerou a Religião, no Espiritismo, como uma conseqüência das partes anteriores. Por isso, e para não confundir a Doutrina Espírita com confusas e perecíveis Teologias da época, tão perecíveis que chegaram aos nossos dias discutindo

em torno de um problema sem sentido, como o desenvolvimento da Teologia Radical da Morte de Deus “Deus morreu”. Essa foi a grande conclusão dos teólogos em nosso tempo.

Restringindo-se à Ciência e à Filosofia Espírita, como cerne positivo da Doutrina, Kardec considerou a Moral e a Religião Espírita como derivações naturais e necessárias da nova concepção do Mundo, do Homem e da Vida que a Doutrina estabelecia. Em suas discussões com os sábios, na Universidade de França, em que foi diretor de estudos, e posteriormente na sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, com seus companheiros de pesquisa e com sábios que visitavam, colocou de maneira precisa esse problema. O Instituto de França reconheceu a Filosofia Espírita. No Brasil, em livro publicado pela Universidade de São Paulo e pelo Instituto Brasileiro de Filosofia, a Filosofia Espírita é apresentada como parte integrante e ativa do nosso panorama filosófico.

Os dirigentes do Centro Espírita precisam tomar conhecimento deste assunto para evitarem a mistura de práticas africanas em suas sedes. Não se pode misturar uma Doutrina Científica e Filosófica com práticas de magia primitiva das selvas. Não se trata de repúdio ao mediunismo na sua mentalidade mágica, mas de uma questão de método e cultura.

A idéia popular de que os trabalhos de Umbanda e Candomblé são mais fortes e eficazes do que os trabalhos espíritas decorre de desconhecimento dos problemas espirituais. Quando se trata de questões espirituais, como Kardec ensinou de maneira bastante clara, de nada valem os objetos e ingredientes materiais usados nos cultos africanos e indígenas do Brasil. Não se resolve nenhum problema espiritual com explosões de pólvora, pontos riscados no chão, bebedeira de marafo (pinga), pés descalços, terreiro, queima de velas, lançamento de flores e objetos vários no mar, raspança de cabelo, batismo com sangue de galinha preta e outras superstições dessa natureza. Que os negros africanos selvagens acreditassem em tudo isso e na força dessas práticas, era natural e justo. Mas que pessoas civilizadas, ou pelo menos nascidas em meio civilizado, ainda se apeguem a essas coisas, é simplesmente de espantar. Todas as práticas africanas foram

trazidas ao Brasil e a outros países americanos pelo tráfico negreiro da escravidão. Já na África essas religiões primitivas foram misturadas com Catolicismo dos missionários brancos e com o Islamismo dos árabes. Aqui no Brasil foram acrescentadas as contribuições das religiões primitivas dos nossos índios. Desenvolveu-se então o que cientificamente se chama de Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro. Os santos católicos foram assimilados aos deuses africanos. Jesus passou a chamar-se Oxalá, Nossa Senhora tornou-se Iemanjá, Santa Bárbara virou Iansã e assim por diante. Das nossas religiões indígenas, a prática que mais se infiltrou no sincretismo foi a da Poracê, parceira nacional do Candomblé africano.

Como todas as religiões primitivas são voltadas para os interesses materiais – solução de problemas materiais através de processos mágicos – a credence popular apegou-se a essas práticas, dando enorme expansão ao sincretismo entre nós. Por outro lado, as encenações rituais criadas pelo povo, enriquecendo o nosso folclore, atraíram multidões, incluindo estrangeiros de cultura européia. Graças a isso, já estamos exportando Umbanda, Candomblé e Quimbanda para o mundo. É uma vitória do primitivo sobre o civilizado, que traz sempre em si mesmo as raízes africanas do primitivismo.

Compreendem-se as razões de tudo isso, mas não se pode compreender que num Centro Espírita, iluminado pelas luzes da Doutrina Espírita, admita-se a introdução dessas práticas primitivas. As energias espirituais superiores, empenhadas pelos Espíritos Benevolentes nos trabalhos espíritas, são muito mais poderosas do que todas as fórmulas mágicas das selvas. Não desprezamos essas práticas nem as condenamos, pois elas nos revelam as tentativas dos homens selvagens para dominar a magia da Natureza. Mas esse domínio já foi conseguido pelas Ciências, que depois de suas fase materialista já penetraram nas entranhas da matéria e atingiram a essência espiritual do homem, dos seres e das coisas. O próprio Espiritismo, tão ferrenhamente combatido pelas Ciências, hoje está comprovado pelas conquistas científicas do nosso século. Os dirigentes de Centros Espíritas precisam conhecer esses problemas, se quiserem realmente dirigi-los. Se

insistirem na ignorância, no cultivo de suas superstições, na falta de leitura e estudo, convencidos de que tudo sabem a respeito do assunto, acabarão como o cego da parábola, caindo no barranco e levando os outros com ele ao fundo dos precipícios.

O nível mental de uma criatura civilizada não pode estar tão baixo que misture com o nível mental dos selvagens. Há, portanto, um problema grave de defasagem cultural, de desnível mental, que os espíritas precisam encarar com seriedade, em face da lei de evolução. O Sincretismo é um retorno à mentalidade da selva. Os que a ele se entregam, geralmente por interesses inferiores, de ordem material, estão tentando regredir na sua evolução. Desse esforço retrógrado resulta sempre o efeito negativo do atraso mental e espiritual. Dessa maneira, o Centro Espírita infestado por essas práticas torna-se um organismo em deterioração. Vira no avesso a sua finalidade superior, apegando-se cada vez mais aos interesses passageiros da vida terrena. Admite-se a existência dos terreiros, em que os homens e os espíritos ainda apegados ao primitivismo podem fazer suas experiências retardadas. Mas não se pode admitir a mistura de práticas contraditórias num local espírita. Quem prefere o sincretismo que vá para os terreiros, mas quem sente o anseio de elevação espiritual que não se iluda com a suposta força das práticas selvagens. Muitos alegam que nessas práticas estão presentes os espíritos. Convém lembrar que os espíritos estão por toda parte, pois são, como ensina Kardec, elementos naturais, como as pedras, as plantas, os animais, mas cada qual está em seu nível de evolução. O homem é o espírito que se elevou sobre todos os estágios naturais e atingiu os planos superiores da consciência. Sua responsabilidade espiritual, como dizia Léon Denis, é grande e pesada. No Centro Espírita a compreensão desse problema deve ser permanente, pelo menos de parte dos que o dirigem.

Ao mesmo tempo, precisamos aprofundar a nossa compreensão do problema dos negros entre nós. Os adversários do Espiritismo costumam alegar que nas práticas doutrinárias sempre aparecem espíritos de negros e índios, numa prova da condição inferior da Doutrina e do meio espírita. Podemos lembrar a influência do negro e do índio na cultura norte-americana e a

supremacia do espírito negro Silver Bicher no movimento espírita inglês. Os motivos disso são historicamente visíveis. Nós, os brancos, estabelecemos o tabu da superioridade racional do branco no mundo. Invadimos a África para explorá-la e caçar os seus filhos como bichos, submetendo-os à escravidão. Até hoje mantemos no mundo posições racistas intransigentes. Depois de séculos de exploração e humilhação do negro, abrimos mãos do colonialismo africano por motivos econômicos e após devastações e crueldades. Não deixamos na África a herança de civilização que devíamos deixar, mas uma herança de barbárie, com que as nações africanas lutam desesperadamente. Não somos credores da África, mas devedores. É natural que os deuses negros, espíritos protetores das raças negras, tenham invadido a nossa área cristã. O que catequese branca não conseguiu fazer com negros e índios, as leis sociais da miscigenação fizeram através do sincretismo religioso. Se não houve conversão do negro pela sujeição da força, houver mestiçagem racial e cultural pela fusão das mitologias negra e branca. As religiões mestiças a que se referiu Euclides da Cunha em “Os Sertões”, consumaram a fusão fraterna no plano dos interesses imediatistas dos dois lados.

No processo natural da reencarnação a mestiçagem se dilui, de século a século, pela encarnação de espíritos das raças brancas em corpos negros e vice-versa. Muitos brancos orgulhosos do passado se manifestam hoje na mediunidade como negros e índios, pois tiveram, em encarnações dessa natureza a possibilidade de aprender as lições necessárias de humildade, corrigindo seus desmandos e sua arrogância de outros tempos. Os terreiros do sincretismo religioso conservam as raízes africanas e indígenas de nossa formação, propiciando a brancos e negros oportunidade para revisão anímica e de consciências. Brancos beneficiados por espíritos negros e índios e vice-versa reajustam-se no plano do respeito à dignidade do homem, sem pretensiosas discriminações epidérmicas. Essa superação do passado é muito mais importante para o futuro do Mundo do que os avanços tecnológicos com suas conseqüências altamente negativas. Por outro lado, os espíritas têm uma dívida moral espiritual para com as religiões negras e mestiças. Quando Luiz Olímpio Telles de

Menezes lançou na Bahia o primeiro jornal espírita, “O Eco de Além-Túmulo”, no século passado, a Revista Espírita de Kardec registrou o fato com espanto, por considerar o Império Brasileiro, estreitamente ligado à Igreja Católica, como um dos países mais refratários ao Espiritismo, como realmente o era. Mas nesse mesmo instante as práticas de Macumba no Brasil rompiam as barreiras católicas e abriam a brecha necessária para penetração do Espiritismo em nossa terra. Não podemos esquecer essa contribuição importante de negros e índios para o arejamento do nosso asfixiante clima religioso. O próprio aparecimento do primeiro jornal espírita já era prova de que os tambores da selva rompiam trincheiras até então inexpugnáveis. Sinhás e sinhazinhas socorridas, em angustiosos momentos familiares, pelas práticas negras e indígenas, amoleciam as barbas hirsutas dos Sinhôs, que diminuía a ferocidade racista. As práticas negras e indígenas constituíam então o socorro do Céu à nova nação que surgia. Esse problema histórico foi esquecido por quase todos os sociólogos da nossa formação racial e cultural fundada no processo da mestiçagem racial e cultural. Foi por essas e outras que o ditado brasileiro “Deus escreve direito por linhas tortas” surgiu e propagou-se entre nós.

Ante esses fatos histórico inegáveis temos de respeitar as formas do Sincretismo religioso afro-brasileiro como elementos pertencentes geneticamente à nossa formação nacional. Mas respeito e gratidão não autorizam o abuso da mistura de elementos diversos, decorrentes do processo da evolução nacional. O sincretismo religioso é um recurso natural da evolução cultural dos povos para elevar as culturas inferiores ao nível das mais adiantadas. Foi assim que a Grécia elevou-se ao nível do Egito Antigo, que Roma absorveu a religião e a cultura gregas. Mas essas ascensões coletivas dependem do tempo. O ritmo do sincretismo religioso afro-brasileiro acelerou entre nós no meio da Segunda Guerra Mundial, vindo até os nossos dias em constante progressão. O nosso crescimento industrial de após-guerra, as inquietações políticas e as flutuações financeiras, a crise religiosa do Catolicismo e, sobretudo, a explosão demográfica, com a invasão das grandes cidades por levadas sucessivas de populações

rurais são os fatores desse aceleração, mostrando a íntima ligação entre o desenvolvimento social e o sincretismo. Claro que, da mesma maneira e pelos mesmo fatores, cresceu o movimento espírita em todo o país. As massas da imigração rural, particularmente do Norte e Nordeste, vinham impregnadas de misticismo caboclo e sobrecarregadas de formas sincréticas. Essas massas estão carregando grande número de criaturas mais sensíveis aos Centros Espíritas e a religiões de tipo mediúnico, como as seitas pentecostais e seitas orientais, particularmente japonesas, ligadas a práticas espiritóides, ou seja, semelhantes às práticas espíritas de manifestações espirituais, mas sem o controle racional da Doutrina. A assimilação é visível: através dos Centros Espíritas e outras instituições doutrinárias as massas de vária procedência vão assimilando os ensinamentos espíritas e integrando-se nas suas práticas.

Temos, assim, toscamente esboçado, o panorama de quatro séculos da evolução espiritual do Brasil. As raízes africanas do Sincretismo, que são as mais importantes, já apresentam hoje uma gama crescente de formas sincréticas que vão desde o terreiro negro-caboclo, com seus rituais tipicamente selvagens, até os mais voltados para a imitação católica, e os grupos intelectualizados que se esforçam ingratamente para dar à Umbanda (principalmente a esta) uma origem indiana, através de teorias pretensiosas que deformam a verdade histórica e social. O impulso de ascensão torna-se palpável na realidade desse processo. Cabe ao Centro Espírita a responsabilidade de vigilância na defesa da pureza doutrinária do Espiritismo, ante a violência e confusão dessa fase crítica do desenvolvimento do Sincretismo. Por isso, o estudo do problema nos Centros torna-se um imperativo do momento espírita nacional. Mas é necessário critério lógico, muita compreensão, humildade e amor para que os Centros possam cumprir a sua missão esclarecedora e orientadora.

5

Deus no Centro

Há bem mais de um século que os sacerdotes, os pastores, os catequistas e as mais altas autoridades das religiões cristãs no mundo de Deus acusam o Espiritismo de Invenção Diabólica e o Centro Espírita de Casa do Diabo. Mas, no correr do tempo, essa situação ingrata foi se modificando. As artimanhas do Diabo foram gradativamente vencendo os escrúpulos dos Ministros de Deus. Padres e freiras, monges e monjas, sacristãos e coroinhas, pastores e ovelhas começam a perceber que os espíritas também são filhos de Deus e merecem a benção do Pai. Assim aliviado do peso das maldições e da pressão dos preconceitos, o Centro Espírita deixou de ser o espantalho dos crentes e passou mesmo a atraí-los. O Centro Espírita caluniado, humilhado e humilde, muitas vezes de pés descalços (como Anchieta em Meritiba) começou a cair nas graças do povo. Porquê? Porque era apenas uma parcela do povo e nele não se exaltava ao Diabo, mas a Deus. “Quem vive de mãos dadas com Demônio não tem o direito de proferir o Santo Nome de Deus”, gritava um padre sincero, cheio de indignação divina, no púlpito de sua igreja, aqui mesmo em São Paulo, nos idos de 1930. Mas o tempo, que tudo cura e tudo prova, curou a fúria do padre e provou que Deus está também no Centro Espírita. Suprema heresia que ninguém pode evitar, pois Deus não pede licença a ninguém para estar em toda parte e em tudo, segundo o próprio dogma da Onipresença Divina, sustentado pelas Igrejas.

Hoje, como nos disse certa vez o Dr. Romeu do Amaral Carmargo: “Deus está no Centro”. Custou muito para as Igrejas aceitarem essa possibilidade, através de apenas alguns de seus profíctentes. Mas isso não é de espantar a ninguém, pois também somente agora, em recente declaração do Papa Paulo VI, divulgado pela imprensa mundial, o Vaticano reconheceu oficialmente que há uma presença de Deus no Judaísmo. Mas se Deus está na Bíblia e se esta é a palavra de Deus, sobre a qual se assentam todas as religiões cristãs, como só agora se percebeu que Deus

está na Sinagoga? Na Costa do Pacífico, nos Estados Unidos, país ciosamente cristão, existem várias Igrejas do Diabo. Quem poderá reconhecer oficialmente a presença do Diabo nessas Igrejas, agora que o Espiritismo provou ser de Deus e não do Diabo? Com o correr do tempo, tornou-se mais fácil provar a existência de Deus em algum lugar do que a presença do Diabo. Não devemos perder muito tempo com essas curiosidades, mas como a memória humana é fraca, precisamos assinalar esse fato. O trocadilho “Deus está no Centro” encerra uma verdade que todos os espíritos conhecem de perto. No centro do Universo está Deus, não em figura mas em realidade, pois se Deus é o Todo em Essência e tudo provém dele, tudo pertence a Ele, tudo é Ele e Ele dirige e governa tudo, é evidente que o Centro Espírita, onde tudo se faz em nome de Deus, não pode estar sem Deus. Giovanni Papini, o famoso escritor católico italiano, autor da famosa obra *Il Diavolo*, causou escândalo na Santa Sé ao sustentar que o Diabo reverterá a Deus. Mas os teólogos aturdidos com as atrocidades da II Guerra Mundial resolveram declarar ao Mundo que: “Deus morreu”. Se isso realmente aconteceu, a situação das Igrejas é insolúvel e toda a Teologia das Igrejas veio abaixo. Pois se Deus morreu, não era imortal, e se o Diabo ficou em apuros, pois não tem quem o perdoa, continua vivo após a morte de Deus e é mais invulnerável que Deus.

No Centro Espírita a notícia dessa morte não causou o menor abalo, porque todos sabem, até os adeptos de inteligência mais modesta, que Deus está ali, talvez sentado liberalmente entre eles, sorrindo da Sua morte impossível. Numa atitude puramente humana, os teólogos quiseram colocar Jesus, provisoriamente, segundo dizem, no Trono de Deus, como legítimo herdeiro do Trono Supremo. E então surgiu esta situação embaraçosa: se Deus morreu e o filho só pode substituí-lo eventualmente – pois não é Deus – então a morte de Deus deixou o trono sob simples regência e com isso surgiu na Terra o Cristianismo Ateu. Precisamos saber essas coisas para sabermos a quem entregaremos as nossas almas na hora da morte. O ateísmo cristão nos deixa em dificuldades e só temos um jeito de buscar Deus: no Centro Espírita. Porque somente ali, na antiga morada do Diabo, não se

acredita que Deus morreu e se continua a falar em seu nome. Porque ali se sabe e se prova, diariamente, através dos processos Kardecianos. que nem o homem morre, quanto mais Deus. A Teologia, arrogante e vaidosa Ciência de Deus, fechou as suas portas doiradas com o balanço total da sua falência. Se Deus morreu, acabou-se o negócio.

A onipotência e a onipresença de Deus são dois mistérios teológicos admitidos por quase todas as religiões. Porquê só pode existir um Deus, único e soberano quando seria muito mais fácil compreender-se a multiplicidade dos deuses e a sua disciplinação hierárquica, como nas Mitologias? A resposta a esta pergunta, agora reformulada pelos neopoliteístas, nos leva diretamente para o centro do problema cristão e para o centro da mundividência espírita. No Judaísmo arcaico, herdeiro das velhas concepções mesopotâmicas, a existência de Deus Único era uma necessidade orgânica. Derivada do antropomorfismo mais remoto – em que o homem era a síntese e o modelo de todas as coisas – essa concepção figurava o Cosmo como um grande Ser que abrangia em sua conformação ideal a totalidade das coisas e dos seres existentes. O isolóismo grego, teoria do mundo como um ser vivo, dotado de corpo e alma, confundia a natureza divina com a natureza humana. Ajustando essa idéia estática ao movimento incessante das coisas, Zoroastro, na Pérsia, apresentava a imagem de Deus no fogo, nas labaredas, que são ao mesmo tempo estáveis e instáveis. O Judaísmo, nascido das entranhas da concepção mitológica dos povos da Antigüidade, avançava além dessa concepção, apresentando Deus como um Ser Humano de dimensões inimagináveis, mas dotado do poder (pois possuía todos os poderes de revelar-se aos homens em dimensões humanas). Proibia que se fizesse figuras de Deus, mas na Arca Sagrada havia oculta a sua imagem pintada por mãos humanas. Na Bíblia, essa contradição é bem marcante. Se manifesta na forma humana de Iavé, com todas as imperfeições humanas do amor e do ódio, da ambição e do ciúme, da voracidade cruel e brutal de Baal e da preferência pelo seu povo, com inteiro desprezo pelos demais povos, considerados impuros. O protecionismo a Moisés – tão assassino e ciumento como Caim – lembra as preferências

dos deuses mitológicos da Grécia por seus pupilos. Deus local, como os deuses nomos egípcios, mas sem possuir terra própria, leva os judeus à conquista brutal e impiedosa de Canaã, para ali estabelecer o seu feudo, sem a menor contemplação para com o povo cananita. Não é de admirar que Cristianismo igrejeiro, apegado ferozmente à Bíblia, se atrelasse mais tarde ao carro das iniquidades romanas, massacrando e explorando povos mais fracos. É das entranhas desse Deus humaníssimo, vingativo e mau como os homens, exclusivista e contraditório, que nasce a idéia do Deus Único.

Mas, apesar de tudo isso, a unicidade de Deus é tão necessária como a unicidade do homem. A esquizofrenia nos mostra o que é um homem alienado, um espírito dividido em si mesmo, incapaz de coordenar as suas faculdades e controlar os seus poderes. Um Deus partido em três, segundo o dogma da Trindade, seria um Deus esquizofrênico e sua desordem divina, sua insegurança interna se refletiria no casos de um Universo absurdo. Assim, da dialética das concepções contraditórias a respeito de Deus é que vai nascer a lógica da concepção monoteísta. Deus só pode ser Um, solitário e soberano no inefável, na solidão vazia do Cosmo. Nessa solidão ele cresce em seus poderes até o momento em que, estremecendo e acordando da sua hibernação espantosa, toma a consciência de Si mesmo e realiza, com apenas uma palavra, o fiat da Criação Universal e total. E como a criação preenche os espaços vazios, em todas as direções, Deus permanece no centro, dirigindo e controlando os seus domínios inacessíveis à imaginação humana. Eis porque Deus é Único e só pode ser Único, apesar de poder tudo. As contradições do Politeísmo provinham da concepção caótica do Universo, não permitindo à mente humana uma concepção harmoniosa da realidade. No monoteísmo temos apenas uma contradição, que é a de Deus consigo mesmo, e esta gerar a síntese do Todo, para dar ao homem a possibilidade de compreender a realidade e estruturá-la no conhecimento, sem o qual nada saberíamos nem poderíamos.

É assim que a realidade cósmica, não acessível à inspeção completa do homem, fica ao seu alcance graças à estrutura de leis regulares e universais, que lhe facultam as ligações necessá-

rias a uma visão geral do Universo. Deus é o poder gerador e mantenedor dessa realidade sem limites e o conceito de infinito, vaga suposição da Antigüidade, se torna positivo pela revelação de unidade orgânica – e necessariamente orgânica – do Cosmos. Note-se bem: unidade orgânica, semelhante à da nossa estrutura, que é uma apesar da multiplicidade dos seus órgãos e membros, porque todos a eles pertencem a um organismo único. Da mesma maneira, a unidade orgânica do Cosmos deriva de sua centralização em Deus, que mantém a unidade infinita através da subordinação de todas as galáxias ou constelações de mundos, espaços etéreos aparentemente vazios, mas cheios de força e plasma cósmicos. tudo formando o organismo único.

Não seria isso uma ilusão? Os que consideram o Universo como finito e fechado sobre si mesmo dizem que sim. Mas Kardec, já no século passado, antes das conquistas científicas do nosso século, propôs uma teoria que hoje tem a sansão de novas descobertas. Por mais que tentemos dar ao Universo um limite, lembrou ele, por mais que avancemos em nossa imaginação, sempre estaremos em face de espaços que se desenrolam além. Essa prova psicológica da infinitude (baseada ao mesmo tempo em psicologia e lógica) tem hoje a comprovação das conquistas parapsicológicas, que revelam a existência em nós de um poder também sem limites, que é da percepção extra-sensorial de realidades que escapam aos nossos sentidos físicos. Não se trata de simples intuição, mas de captação de realidades que estão fora do alcance dos nossos sentidos e dos nossos instrumentos. O homem sente e intui que o Universo é infinito. Teorias físicas e cálculos matemáticos o contra-dizem. Mas a percepção extra-sensorial, fundada em suas potencialidades inconscientes, continua a dizer-lhe que para as dimensões do Cosmos não há limites.

No Centro Espírita a presença de Deus se faz sentir nas manifestações mediúnicas que derrubam as barreiras da morte, pelas declarações unânimes dos Espíritos Superiores, comprovadamente possuidores de conhecimentos muitos superiores aos nossos, pela revelação, comprovada através de pesquisas e experiências científicas de sábios eminentes do século passado e deste século, de que existem no homem potencialidades muito

superiores às que ele revela quando encarnado, sujeito aos condicionamentos da vida carnal. Não se trata de dogmas estabelecidos por concílios de cegos supostamente divinos, mas de pesquisas objetivas e controladas pela metodologia científica. Deus não é uma hipótese, mas uma realidade comprovada pelo princípio científico, segundo o qual, dos efeitos remontamos às causas. Deus é a fonte causal de todas a realidade. Kardec tirou desse princípio, por ilação lógica amparada pelos fatos, a lei espírita segundo a qual: Não há efeitos inteligentes sem causa inteligente e a grandeza dos efeitos revela a grandeza de causa. Esse o raciocínio básico das provas espíritas da existência de Deus.

Mas além disso a presença de Deus no Centro Espírita se comprova pelas manifestações dos seus mensageiros, os Espíritos Superiores a seu serviço por todo o infinito. Essas manifestações não são constantes e gratuitas, mas ocorrem de maneira inesperada e com finalidade certa. Mas é sobretudo no coração dos humildes que Deus se afirma como realidade viva e atuante, nas sessões de auxílio espirituais. Um coração angustiado de mãe que se alivia e alegra ao receber a visita do filho que parecia morto para sempre, numa comunicação mediúnica oral ou numa aparição pela vidência despertada na mãe. Numa comprovação pela aparição tangível ou materialização, como no caso famoso de Frederico Fígnier e sua esposa, que, em Belém do Pará, através da mediunidade de Ana Prado, uma mulher humilde, tiveram a oportunidade de retomar sua filha Raquel novamente nos braços, sentá-la no colo e conversar com ela viva e alegre, que censurava a mãe por se trajar de luto. Numa aparição tangível da sua própria mãe, dada a um sábio famoso que combatia o Espiritismo como superstição infundada, como aconteceu com César Lombroso em sessão com a médium Eusápia Paladino, presidida pelo Prof. Chiaia, da Universidade de Milão. Lombroso abraçou a mãe, que falou com ele, e nos dias seguintes declarava num artigo de retratação, pela revista *Ombra e Luce*, daquela cidade: “Nenhum gigante da força e do pensamento poderia fazer para mim o que fez essa pobre mulher analfabeta – arrancar minha mãe do túmulo e devolvê-la aos meus braços”. Não eram apari-

ções ocasionais, facilmente atribuíveis a fatores psicoemocionais, mas aparições provocadas em nome de Deus, em sessões experimentais em que o ingrediente Deus não havia sido desprezado. “Com a permissão de Deus”, dizem sempre os espíritos agraciados com essa oportunidade de reencontro após a morte.

O Centro Espírita se caracteriza, assim, como o centro de comunicações com os que já deixaram a vida terrena, mas continuam vivos e ativos na outra face da vida. Nada se paga para falar com os mortos, os supostos mortos da nossa ignorância, porque os serviços de Deus são gratuitos desde o nascimento, que é um prodígio de Deus, até a morte, que é a graça de Deus libertando-nos da asfixia da carne, e além da morte, nas maravilhosas possibilidades das manifestações mediúnicas.

Deus está no Centro Espírita em que as criaturas se reúnem de coração puro, confiantes no seu poder infinito. O preço da comunicação é geralmente o aparecimento do espírito ou dos que desejam reencontrá-lo. Os dirigentes de centros precisam meditar diariamente nas responsabilidades que assumem ao aceitar os seus cargos, que na verdade são encargos divinos. Deus não exige de nós mais do que podemos dar. Não quer que nos apresentemos a Ele e aos homens com as vestes nupciais da parábola, que ainda não possuímos. Não podemos enganá-lo com sorriso de falsa bondade, de fraternidade fingida, escondendo nas moitas do coração selvagem a serpente da inveja, da intriga, da censura ao próximo, do julgamento desprezivo do irmão que se senta ao nosso lado. Não vemos Deus no Centro porque não temos condições para isso, mas podemos vê-lo no semblante sincero e ingênuo e no coração puro dos que não alimentam vaidades e preconceitos negativos ao nosso redor. Deus não está ali, diante de nós, como um Ser visível e corporal. Ele impregna o Centro, como impregna o recinto de todos os templos freqüentados por criaturas sem maldade e sem reservas. Mas podemos ver o seu rosto no semblante dos que se entregam com amor ao serviço do bem, tocar as suas mãos nas mãos sinceras e boas dos que nos amam sem restrições. E se os hipócritas nos cercam e nos olham com fingida amizade, podemos ser para eles a mensagem do amor e da sinceridade que flui de Deus para o nosso coração.

Deus no Centro é Deus em nós, ajudando-nos a crescer com o fermento da fraternidade, que ele pouco a pouco aumenta em nossa medida de farinha, na proporção em que a farinha do nosso egoísmo absorve o fermento e se transforma no pão que nos alimenta a alma.

Estas não são imagens líricas, mas a verdade espiritual trocada em figuras e expressões de amor, como as que encontramos nos Evangelhos de Jesus. Não é o autor do livro que as produz, mas os Espíritos benevolentes que, em nome da fraternidade humana, as transmitem aos que desejam servir a si mesmo e ao próximo. Porque aqueles que desejam servir-se na mesa do bem, naturalmente repartem o seu pão com os irmãos famintos de bondade, como Jesus o fez com os apóstolos na estalagem da estrada de Emaús.

Deus no Centro não é a presença exclusiva para ninguém, mas presença inclusiva para todos, a todos incluídos em Seu chamado para a vida do espírito. Os que procurarem compreender e sentir a sua presença no Centro a levarão consigo para casa. As pretensões de superioridade, o desejo egoísta de ser impor aos demais, o ciúme corrosivo e o julgamento do próximo em nosso íntimo ou em nossa língua não nos deixa perceber a bondade de Deus. Os que se sacrificam para melhorar a Terra, dando de si o que podem e muitas vezes o que não podem – esses fazem a Vontade de Deus. Os que batem a língua nos dentes para destilar venenos de serpente não podem perceber a presença de Deus no Centro e só percebem os espíritos malévolos e sofredores.

6

As Almas Frágeis

O Centro Espírita é o refúgio das almas, encarnadas e desencarnadas. Substitui no presente os templos do passado, onde as pompas terrenas estimulavam as almas frágeis, sugerindo-lhes o amparo das potências celestes. A riqueza dos templos, o fulgor das luzes nos altares, os paramentos do sacerdote, os vitrais coloridos e a música sagrada reboando nas naves agiam ao mesmo tempo como anestésicos das angústias terrenas e excitantes esperanças celestes. Era toda uma técnica divina, provinda das origens humanas, do silêncio misterioso das selvas das matas, em que a densa folhagem das árvores enormes filtrava a luz do sol em gamas de coloridos arco-irisados. A idéia do Sagrado sugeria a transmissão dos poderes divinos através dos sacramentos e dos rituais. Mas o tempo passou a sua esponja mágica no séculos e nos milênios, amadurecendo as almas frágeis e despertando-as para a consciência de si mesmas. Na esteira das renovações surgiram as reuniões simples dos clãs e dos grupos familiares, junto às fontes murmurantes em que os oráculos e as pitonisas interpretavam a voz dos deuses na voz das coisas. Jesus de Nazaré, que os judeus esperavam como o cristo das novas guerras de conquista, surgiu humilde e simples, modesto filho de uma família operária. De suas mãos surgiram práticas novas, em que o fluxo divino dispensava os paramentos suntuosos dos canais oficiais da Divindade. E, com esse fluir espontâneo do amor e da bondade naturais, derramaram-se na terra dos corações as sementes da Boa-Nova. Foi dessa sementeira nos campos e nas praias, no próprio interior dos templos ou em seus pátios exteriores, ainda sob o fumegar das aras em que se queimavam as ervas sagradas e as carnes dos animais sacrificados, que surgiram os primeiros cultos pneumáticos do Cristianismo Primitivo, os cultos do Espírito.

Poder insuspeitado da Evolução, desencadeando os processos misteriosos da metamorfose, transformaram aos poucos as formas de relação do homem com a Divindade. O Centro Espíri-

ta nasceu como Jesus e com Jesus, sem os aparatos inúteis do formalismo religioso, restabelecendo nas almas a confiança em si mesmas, despertando-lhes a percepção de sua natureza divina. As almas frágeis tornaram-se fortes na fraqueza da simplicidade. Em vão se desencadearam os temporais da reação, em que as almas fracas amadureceram nas estufas brutais do martírio. Elas haviam decifrado o enigma, encontrando a pureza na impureza do mundo, a verdade nas palavras do Messias rejeitado e Deus no íntimo de si mesmas. O episódio de Pedro em Jope, recusando-se a atender o centurião Cornélios – impuro comandante de centúrias romanas – mas atendendo-o por mandato mediúnico de inesperada vidência, mostra-nos ainda hoje como se processou a metamorfose do judeu formalista em cristão fraterno. Pedro vai à casa de Cornélios e se surpreende com a família impura tomada pelo Espírito. A manifestação mediúnica em local profano lhe ensinava o que era o Batismo do Espírito que até então ele não pudera compreender. Nascia ali, aos seus olhos, o primeiro Centro Espírita numa casa de família. E Pedro voltou a Jerusalém para contar aos apóstolos o que vira com seus olhos e o que sentira em seus coração. O Céu baixava à Terra e nela se abria como se abrem as flores do campo, com o mesmo esplendor dos lírios que as vestes suntuosas de Salomão não podiam superar. Mas o tempo ainda haveria de fluir nas ampulhetas por quase dois milênios, até que a metamorfose anímica e consciencial se definisse na missão de Kardec.

O Espiritismo abalou as estruturas do mundo artificial dos homens, revelando-lhes assustadoras perspectivas de responsabilidade moral e espiritual. Subverteu a ordem extática das aparências convencionais e soltou sobre as Igrejas, as Academias, as Universidades, os gabinetes dos sábios e toda a estrutura vacilante das Ciências os seus fantasmas até então considerados como simples ficções literárias. Em vão, por toda parte, os conservadores de um passado já morto – embalsamadores de múmias culturais – se levantaram por todo o mundo tentando afugentar os fantasmas invasores. De nada valeram os conluios secretos, as decisões arbitrárias de juízes sem toga, as maldições de prelados poderosos. Os fantasmas não pediam licença para aparecer e

tumultuaram o panorama cultural, suscitando polêmicas violentas entre figurões mundiais do saber. Em meio ao temporal as almas frágeis se refugiavam humildes nas reuniões familiares do velho culto pneumático ressuscitado. E dessas reuniões domésticas, como as do Cristianismo Primitivo, das tertúlias à sombra das figueiras de Betânia, com as figuras simples e amorosas de Lázaro, Marta e Maria ao redor do mestre, nasciam e se multiplicavam os Centros Espíritas.

Essa genealogia bimilenar do Centro Espírita, ao mesmo tempo humilde e grandiosa, atesta a sua origem humana e divina, conferindo a Kardec o título de herdeiro de Deus e co-herdeiro de Cristo, segundo a conhecida expressão do Apóstolo Paulo. Um título comum, que Paulo estendeu a todos os que aceitaram e acolheram a Boa-Nova em seus corações. Ninguém o fez com mais sacrifício e dedicação, com mais amor, confiança e fé, do que o Codificador do Espiritismo. E a genealogia prossegue na descendência espiritual de Kardec. Mas não há nisso nenhuma intenção de vaidade ou orgulho mundano, pois as sucessivas gerações espíritas não descendem do sangue, sim do espírito. A filiação à linhagem espiritual de Kardec não nos proporciona títulos honoríficos ou terrenos, mas obrigações muitas vezes dolorosas e sacrificiais, no decorrer de vidas de abnegação ao próximo e de fidelidade ao futuro.

O Centro Espírita, como a relva, nasce por toda parte, e quando os poderes temporais o decompõem ou esmagam, ele renasce com teimosia desafiante. Porque aqueles que viram e conheceram a Verdade, que a sentiram ao menos uma vez em seus corações, jamais a esquecem e jamais a negam. As almas frágeis se fizeram fortes ao sopro dos ventos proféticos. Criaturas ingênuas e desprovidas de tudo, órfãs da cultura secular, sentem-se apoiadas na rocha das experiências vitais do espírito e são capazes de enfrentar os titãs da cultura mundial com a firmeza dos estóicos. Nada as abala, nem sofismas nem maldições, porque experimentaram o toque da Verdade em si mesmas.

Os que dizem ter sido espíritas e deixado a Doutrina, nunca o foram. Se tivessem realmente penetrado no conhecimento doutrinário, de mente e coração, não poderiam voltar à ignorância do

niilismo sem fundamento ou às fabulas do religiosismo contraditório e absurdo. Um marinheiro que deixou o mar nunca se esquecerá do marulho das ondas e jamais perderá a lembrança das amplidões marinhas em que navegou.

As almas frágeis são remanescentes dos rebanhos religiosos embalados ao longo dos séculos pelos pastores piedosos, herdeiros da flauta de Pã. Ao som melodioso e enganador das flautas adormeceram no tempo, vigiadas e protegidas. Não são as almas primitivas, pois estas são geralmente fortes e bravas, carregadas dos impulsos animais. Ao contrário destas, elas se acomodam nas sensações agradáveis da vida material e repetem encarnações sucessivas de acomodação e indolência, abusando de seu livre-arbítrio ao invés de utilizá-lo no processo evolutivo. Somente a dor, nas duras provações, consegue arrancá-las do círculo vicioso. Como diz Lázaro, numa das suas mensagens de O Evangelho Segundo o Espiritismo: só podem saltar o obstáculo e avançar “sob a dupla ação do freio e da espora”. As almas frágeis precisam ser constantemente vigiadas e orientadas no Centro Espírita, pois se entregam facilmente a um misticismo inferior, tentando alcançar a angelitude através de submissão interesseira a espíritos mistificadores, dirigentes de vistas curtas e médiuns pretensiosos. Gostam de Ordens, Fraternidade, Escolas Evangélicas, de sacristia e coisas semelhantes, onde possam usar distintivos, insígnias e serem classificadas em graus de evolução. Todas essas modalidades de agrupamentos exclusivistas, separatistas e pretensiosos servem para protegê-las na sua fragilidade. Não gostam de atitudes positivas e enérgicas e fariam do movimento espírita uma Irmandade do Senhor Morto, se conseguissem dominar o meio. Os presidentes e dirigentes de Centros precisam exercer rigorosa vigilância em suas instituições, para que essas almas infantis não deturpem santamente a Doutrina, com as melhores intenções de que o Inferno está cheio. Todas as formas de resíduos do passado igrejeiro agradam a essas almas traumatizadas, que são atraídas ao Espiritismo precisamente para se curarem nele e não para prejudicá-lo.

O Espiritismo não é uma Doutrina de passividade contemplativa. Sua finalidade, como os Espíritos Superiores disseram a

Kardec, é revolucionar o mundo inteiro, modificando-o para melhor. A essência cristã do Espiritismo reflete as atitudes vigorosas do Cristo em luta com as estruturas asfixiantes do Mundo Antigo. O Espírita verdadeiro é um construtor do futuro. Cabe-lhe o dever inalienável de estudar a Doutrina, aprofundar-se no seu conhecimento, difundir-la com vigor e confiança para que a sua luz solar afugente as trevas de um passado contraditório de lamúrias, imprecações e louvores subservientes a Deus, como se Deus fosse um tirano injusto à espera do nossos rapapés para nos conceder a sua proteção.

A promessa evangélica do Consolador se cumpre na Doutrina Espírita de maneira positiva e não através de cantigas de ninar, de palavrório anestésico. A própria dureza do mundo atual, com suas atrocidades, sua ganância, sua criminalidade aviltante, mostra-nos que o tempo dos Contos da Carochinha já passou, que a Humanidade entrou na fase da maturidade e tem de aprender a enfrentar os seus problemas por si mesma. Não que Deus nos tenha abandonado ou esquecido, ou que tenha falecido de um enfarte divino – como querem os teólogos do Cristianismo Ateu – mas porque marcou os limites de nossa ilusão comodista, lançando-nos face a face com os resultados do nosso comportamento no mundo. Todas as dificuldades atuais são conseqüências dos abusos que cometemos no uso do nosso livre-arbítrio, apesar de todo o auxílio e de todas as advertências que recebemos do Alto nas etapas sucessivas da nossa evolução, por falta de uma tomada de consciência do que somos e da finalidade superior da nossa própria existência.

O consolo que o Espiritismo nos dá não é a proteção fictícia da fé cega, dos sacramentos vazios de sentido, do socorro espiritual egoísta, em forma de privilégios injustificáveis, do paternalismo dos sacerdotes profissionais, dos agrados interesseiros de médiuns venais. O Consolador não se manifesta através de prodígios sobrenaturais, mas na forma de esclarecimentos positivos, de revelação científica das leis naturais que até agora olvidamos ou encaramos como crianças choramingas pedindo colo. O Espiritismo nos consola como o fez o Cristo, provando aos seus discípulos que cada um de nós é um ser imortal, de natureza

divina, que nasce para morrer, pois a morte é o fim do aprendido terreno, de maneira que morremos para ressuscitar em plano superior, a fim de prosseguirmos a nossa evolução em condições mais favoráveis. A Filosofia Existencial do nosso tempo sanciona essa verdade espírita, sustentando que o homem passa pela existência terrena como um viajante que atravessa uma região estranha, aprendendo a vencer por si mesmo as dificuldades, adquirindo experiências para depois avançar em nova direção. Até um cético, como Sartre, viu-se obrigado a admitir que nascemos como seres pré-existentes num plano metafísico, projetando-nos na existência física para fazer uma trajetória de experiências na busca da transcendência, desenvolvendo potencialidades que devem levar-nos à condição divina. Cego de um olho, não conseguiu ver a passagem do ser através da morte e considerou esta como o fim, a frustração dos anseios de transcendência. Mas Martin Heidegger enxergou mais longe e proclamou: “O homem se completa na morte”. Kierkegaard, teólogo dinamarquês protestante, fundador do Existencialismo, entendeu que o homem é o parceiro de Deus na Eternidade e por isso só pode, de fato, comunicar-se com Deus, que é o Outro, no diálogo das almas. O Espiritismo esclarece essas teorias filosóficas ainda confusas, mostrando que a realidade existencial do homem, aqui e no além, pode ser comprovada pelas pesquisas científicas, como na verdade já o foi.

No Centro Espírita as almas frágeis dos rezadores lamurientos encontraram os elementos necessários à recuperação de suas forças, de sua virilidade espiritual, para ressuscitarem-se a si mesmas das cinzas do passado. Percebendo isso de maneira vaga, envoltos ainda nas brumas de um misticismo igrejeiro, muitos espíritas querem transformar os Centros em escolas simplórias, retirando-lhes a prática espírita tradicional ou despindo-os de seus elementos fundamentais, que são as manifestações mediúnicas. Essa é uma tentativa de repetir no Espiritismo a supressão do culto pneumático, ou seja, as sessões mediúnicas em que se realizam os diálogos da doutrinação de encarnados e desencarnados. É esse um equívoco proveniente da ignorância da Doutrina ou do seu conhecimento superficial. Por outro lado, há

nessa tentativa a influência do instinto de imitação, que leva criaturas afoitas a quererem renovar o Espiritismo, num tempo em que tudo se renova. Não, percebem, esses espíritas renovadores, que tudo se renova num mundo em que o Espiritismo é a fonte e a mola de todas as renovações. Se toda a cultura terrena está abalada e se renova, é porque estava errada e precisa ser corrigida. Mas o Espiritismo antecipou, nos seus postulados, todas essas renovações, previu-as, anunciou-as e até mesmo delineou-as, como se pode ver no confronto das novidades atuais com o vasto esquema de transformação oferecido ao mundo pelos Espíritos há mais de um século. Só um setor do conhecimento, nesta hora de transição, não necessita renovações, e esse setor é precisamente o Espiritismo. O que ele exige de nós não é renovação doutrinária, mas apenas expurgo de infiltrações espúrias nos Centros, produzidas pela leviandade de praticantes que se desvairam da orientação doutrinária, adotando atitudes, fórmulas e práticas antiquadas.

O terror místico proveniente de um longo passado religioso de mistérios e ameaças não tem mais razão de ser. Não obstante, encontramos no meio espírita um pesado lastro desse terror em forma de traumatismos inconscientes que geram comportamentos antiespíritas. Chegou-se recentemente a introduzir numa grande instituição espírita paulista o princípio do jejum sexual, mesmo para casais. Marido e mulher deviam privar-se de relações impuras, se quisessem preparar-se para uma vida espiritual superior. O tabu do sexo foi sempre um abantesma nos meios religiosos, mas isso jamais impediu os escândalos e as perversões sexuais que o Apóstolo Paulo já denunciava na Igreja de Corinto. A repressão sexual leva fatalmente a situações patológicas. Sexo é lei, é lei básica da Natureza. Querer suprimi-la é querer suprimir a vida. Condená-la é condenar o homem, a criatura humana, é censurar a Deus que a estabeleceu de maneira irrevogável. Se a relação sexual é pecado, somos todos filhos de pecado. Nada e ninguém nasce por geração espontânea, pois mesmo os vírus hoje indicados como prova dessa forma de geração, resultam de forma sexuais específicas das formações cristalinas. Lei dialética de síntese e reprodução, o sexo influi na

manutenção de todo o equilíbrio da Natureza. A função sexual não é apenas reprodutora, mas também diretora do equilíbrio orgânico e psíquico da criatura humana. Estabelecer sistemas de abstinência sexual nos Centros, como forma de comportamento espiritual para os espíritas, é simplesmente negar toda a Doutrina, que tem por fundamentos a evolução humana através da reencarnação, dos processos afetivos entre homem e mulher, da criação e educação dos filhos, da formação familiar como célula básica de todas as estruturas sociais e raciais. O celibato religioso contradiz os fundamentos da religião. É uma violência contra as fontes da vida. Apague-se o sexo do mundo e voltaremos aos espaços vazios de mundos mortos na mecânica fria dos tempos anteriores à Gênese. Por isso, a História Religiosa está povoada de íncubus e súcubus, os espíritos vampirescos que, durante a Idade Média atormentavam freiras e frades na suposta santidade dos mosteiros e conventos. E ainda hoje a ação desses espíritos se faz sentir por toda parte, em manifestações espantosas que, em geral, permanecem ocultas nos arquivos da pesquisa psíquica mundial.

O Centro Espírita não pode pactuar com esses resíduos criminosos de um passado estúpido. Claro que não se quer o abuso, pois isso é naturalmente condenado pelos princípios espíritas da moral evangélica. Essa moral, como vemos nos textos evangélicos, não é condenatória nem repressiva do sexo. O que ela pretende é moralizar o sexo e não condená-lo ou suprimi-lo.

O ensino de Jesus a Nicodemos: “E preciso nascer de novo”, o caso de Madalena, a cortesã compreendida pelo Mestre, o episódio da mulher adúltera que os hipócritas queriam apedrejar mostram de sobejo que a posição de Jesus em face desse problema era de compreensão e respeito pela condição humana. As almas frágeis do meio espírita devem atirar no caminho a bagagem pesada dessas condenações do passado, sem temer as ameaças do Céu nem entregar-se às fascinações da Terra. O espiritismo esclarece a questão sexual em termos racionais, levando em conta a naturalidade das funções humanas na vida terrena. São criminosos inconscientes os que pretendem implantar no meio espírita sistemas que já mostraram sua inconveniência na própria

História do Cristianismo. Assim como o homem não regride na sua evolução, a Ciência Suprema do homem que é o Espiritismo, não pode regredir no seu desenvolvimento, tão penosamente realizado na Terra. Os moralistas de vistas curtas nunca perceberam as conseqüências negativas de sua atitudes. A verdadeira moral não se constitui de proibições absurdas, pois estas são a negação de toda moral, em favor dos grandes surtos de imoralidade.

Disciplina Fraternal

O problema da disciplina no Centro Espírita é dos mais melindrosos e deve ser encarado entre as coordenadas da ordem e da tolerância. Não se pode estabelecer e manter no Centro uma disciplina rígida, de tipo militar. O Centro é, além de tudo o que já vimos, um instrumento coordenador das atividades espirituais. No esquema das suas sessões teóricas e práticas a questão do horário é imperiosa, mas não deve sobrepor-se às exigências do amor fraterno. Não é justo deixarmos fora da sessão companheiros dedicados ou necessitados, porque chegaram dois ou três minutos atrasados. Vivemos num mundo material e não espiritual, em que as pessoas lutam com dificuldades várias no tocante à locomoção, de compromissos diversos, e é justo que se dê uma pequena margem de tolerância no horário. Essa margem não deve também ser estabelecida com rigor, mas deixada ao critério do dirigente dos trabalhos, que saberá dosar as coisas de acordo com as conveniências. O rigor exagerado na questão de horário, mormente nas cidades mais populosas, causa aborrecimentos e mágoas a pessoas sensíveis que, depois de aflição e correria para chegar na hora certa, viram-se impedidas de participar da reunião por alguns segundos ou minutos. Temperando-se as exigências da ordem cronológica com o dever da atenção aos companheiros podemos evitar aborrecimentos perfeitamente superáveis. Claro que esse é um problema a ser sempre esclarecido nas reuniões, para que todos possam ter conhecimento da flexibilidade possível no horário. O simples fato de haver essa flexibilidade, já tira à disciplina o seu aspecto opressivo.

Essa mesma dosagem de ordem e tolerância deve ser aplicada a outros problemas, de maneira a assegurar-se, o mais possível, um ambiente geral sem prevenções, que muito ajudará na realização dos trabalhos.

Tratamos das almas frágeis no capítulo anterior. Devemos agora tratar das almas fortes, as mais apegadas ao problema disciplinar. As almas fortes são aquelas que procedem de linhas

evolutivas em que os espíritos se aperfeiçoam no uso da independência e da coragem. Por isso mesmo trazem consigo um condicionamento disciplinar que não aceita facilmente as concessões a que aludimos. Uma palavra rude de uma alma forte, embora não intencional, pode ferir a susceptibilidade de uma alma frágil, prejudicando-a no seu equilíbrio por uma insignificância. Ora, segundo a regra geral das relações humanas, o forte deve proteger e amparar o fraco, para ajudá-lo a se fortalecer. Os dirigentes de trabalhos devem cuidar de evitar esses pequenos atritos que não raro têm conseqüências muitas maiores do que se pensa. Por outro lado, as almas fortes precisam controlar os seus impulsos pelo pedido consciencial da fraternidade. Há pessoas que, por se sentirem mais fortes, decisivas e poderosas que as outras, embriagam-se com a ilusão do poder, desrespeitando os direitos alheios e sobrepondo-se, com rompança às opiniões dos outros. Atitudes dessa natureza, no meio espírita e no Centro, causam má impressão e constrangimento no ambiente, fomentando malquerenças desnecessárias. Em se tratando de Espiritismo, tudo se deve fazer para manter-se um ambiente de compreensão e fraternidade, sem exageros, tocado o possível de alegria e camaradagem. Num ambiente assim arejado, desprovido de tensões, a espiritualidade flui com facilidade e os Espíritos orientadores encontram mais oportunidade de tocar os corações e iluminar as mentes.

Por menor que seja, o Centro dispõe sempre de mais de um setor de atividades. Deve-se fazer o possível para que em todos eles reine um ambiente fraterno, que é o mais poderoso antídoto dos desentendimentos. A disciplina desses trabalhos, mesmo quando exija maior severidade, como no caso das sessões de desobsessão, deve ser tocada pela boa vontade e a compreensão fraterna. Sem isso, particularmente em se tratando de desobsessão, dificilmente conseguiríamos resultados satisfatórios. Mas a franqueza também é elemento importante na boa solução dos problemas. Quando necessário, o dirigente deve chamar o observado em particular e expor-lhe com clareza o que observou a seu respeito, aconselhando-o a mudar de comportamento para poder melhorar. A verdade deve estar presente em todos os momentos

das atividades espirituais, mas a verdade nunca pode ser agressiva, sob pena de produzir o contrário do que se deseja.

Não queremos esmiuçar todos os problemas e todas as situações no funcionamento de um Centro, pois isso seria cansativo e desnecessário. Tocamos apenas em alguns pontos para abrir diretrizes aproveitáveis, segundo a experiência de longos anos nas lides doutrinárias. Outros, com mais capacidade e mais penetração, poderão completar o nosso trabalho com suas contribuições. Nosso desejo é apenas ajudar os companheiros que tantas vezes se aturdem com as dificuldades encontradas. Não propomos regras como possível autoridade, que não somos e ninguém o é, num campo de experiências em que quanto mais se aprofunda mais se tem a aprender.

A disciplina de um Centro Espírita é principalmente moral e espiritual, abrangendo todos os seus aspectos, mas tendo por constante e invariável a orientação e a pureza de intenções. Os que mais contribuem para o Centro são os que trabalham, frequentam, estudam e procuram seguir um roteiro de fidelidade à codificação Kardeciana. Muito estardalhaço, propaganda, agitação só pode prejudicar as atividades básicas e essenciais do Centro, humanitárias e espirituais, portanto recatadas e silenciosas. Os problemas do Centro são de ordem profunda no campo do espírito. Mas apesar disso não se pode desprezar as oportunidades de divulgação e principalmente de orientação doutrinária para o povo em geral. Não precisamos de aumentar forçadamente os nossos grupos, somos contrário ao proselitismo, sabemos que nem todos podem aceitar os nossos princípios, mas sabemos também que a Verdade deve sempre ser posta ao alcance de todos. Quem quiser encontrá-la não precisará procurar lugares especiais, deve encontrá-la em qualquer parte em que um jornal, um programa de rádio, um livro, um folheto estiver ao seu alcance. Não convertamos nem devemos tentar converter ninguém, pois, como ensinava Kardec, nem todos estão em condições de afinar-se espiritualmente na compreensão dos problemas novos que o Espiritismo apresenta ao mundo em renovação. Mas aqueles que amadureceram na idade espiritual serão úteis na batalha para o amadurecimento de outros.

A disciplina autoritária e rígida teve a sua função na disciplinação dos povos bárbaros após a queda do Império Romano. Essa coerção prosseguiu pelo tempos sombrios do Medievalismo. Mas a Era da Razão que surgiu da noite medieval, reivindicou os direitos individuais do homem, na linha ateniense do esclarecimento cultural. O domínio natural da Igreja esgotou-se nos albores do Renascimento, mas o domínio artificial, fundado nos poderes políticos e econômico-financeiros da organização clerical estenderam-se aos tempos modernos e ainda se exerce, embora enfraquecido e estropiado, no mundo contemporâneo, em pleno alvorecer da Era Cósmica. Essa anomalia histórica, nos entrechoques contraditórios da fase de transição, resolve-se aos nossos olhos num desvio violento provocado pelas forças conjugadas dos interesses em jogo, voltando-se para a tradição de Esparta. A força e a violência se sobrepuseram aos ideais atenienses e o indivíduo esmagado pelo peso das massas acarneiradas refugiou-se na servidão medieval, nas oposições inócuas e na revolta do desespero insensato. As leis históricas seguem o seu curso regular, mas quando as acumulações dos fatores a-históricos, como os lastros esmagadores dos instintos primitivos, acumulados nos socavões do inconsciente coletivo, as obrigam a sair dos canais naturais, elas se desviam à procura dos pontos de retorno. A volta a Esparta, que marcou a fase instintiva das explosões totalitárias, mergulhou o mundo no delírio do arbítrio e da violência. Um terremoto a-histórico rompeu o chão em que florescia a Belle-Epoque, a fase lírica e romântica que Stephan Zweig descreveu em “O mundo que Eu Vi”, precipitando no abismo todos os valores culturais e humanistas dos séculos XVIII e XIX. O próprio Zweig imolou-se, a seguir, no desespero do suicídio. Os abismos da Terra lacerada impediram-nos o acesso a Atenas. Mas restou uma passagem secreta, uma ponte sobre o abismo, sustentada pelas rochas inabaláveis do Evangelho, orientada pelos sinaleiros subjetivos dos arquétipos de Jung nos rumos da transcendência. Essa ponte era a do novo Renascimento do homem e do mundo pelas mãos do Cristo. Era o Espiritismo, que das ruínas da catástrofe histórica fazia ressurgir, ainda cambaleante, a figura fantasmal de Lázaro.

O Mundo Contemporâneo é Lázaro redivivo, ainda envolto em mortalha, com a boca amarrada, os braços e os pés atados, mas atendendo ao chamado do Cristo para reintegrar-se no processo histórico interrompido. Marta e Maria o restabelecem na paz de Betânia, cercada pelas guerras furiosas e as atrocidades produzidas na Terra, no Céu e no Mar pela inconformação e a revolta dos homens. Nessa hora trágica, dantesca (não apenas na imagem do Inferno de Dante, mas na sua própria essência real) a consciência humana desperta para a busca de si mesma. O Centro Espírita, na sua singeleza, na sua humildade e na sua pobreza – pequenina semente que os abismos ameaçam tragar – sustenta a chama da esperança cristã-humanista e trabalha em silêncio na restauração da Verdade. Solitário, desprezado pela ignorância arrogante é o Centro – o ponto ótico ou visual para o qual convergem todas as possibilidades da Ressurreição do Planeta assassinado. Temos necessidade urgente de compreender esse momento histórico, decifrar os seus signos para que a Esfinge não nos devore. A rotina dos trabalhos do Centro, a monotonia das doutrinações exaustivas, a repetição dos ensinamentos que chegam a parecer inúteis, a insistência das obsessões agressivas, a inquietação dos que se afastam em busca do socorro ilusório de ciências psíquicas ainda informes e retornam desiludidos e cansados – todo esse ritornelo atordoante pode desanimar os que lutam contra a voragem das trevas. Mas é preciso resistir e continuar, é necessário enfrentar a ignorância petulante dos sábios que ainda não aprenderam a lição socrática da humilde intelectual, do sábio que só é sábio quando sabe que nada sabe.

A hora espírita do Mundo é de agonia e desespero. Mas foi agonizando na cruz, injustiçado pelos sábios do seu tempo, que Jesus nos ensinou a lição da ressurreição e da imortalidade espiritual. O Centro Espírita é a cruz da paciência que Jesus nos deixou como herança do seu martírio. Ele nos livra da cruz que o Mestre enfrentou entre ladrões, salvando, morrendo com eles para salvá-los – um através da conformação difícil da dor, outro através da revolta e da indignação que levam ao arrependimento e à reparação.

Por isso a disciplina do Centro não pode ser a dos homens, mas a dos anjos que servem ao Senhor tatalando no Céu as asas simbólicas da Esperança. Deixemos de lado a disciplina exigente, para podermos manter no Centro a disciplina do amor e da tolerância. Não lidamos com soldados e guerreiros, mas com doentes da alma. Nossa disciplina não deve ser exógena, imposta de fora pela violência, mas a do coração. Tem de ser a disciplina endógena, que nasce da consciência lentamente esclarecida aos chamados de Deus em nossa acústica da alma.

A evolução humana se processa no concreto em direção ao abstrato, o que vale dizer da matéria para o espírito ou do corpo para a alma. Na linguagem platônica diríamos: do sensível para o inteligível. Na Era Cósmica que se inicia com as façanhas da Astronáutica essa evolução se define em termos de ciência e tecnologia. O homem das cavernas saiu de sua toca de bicho para dominar a Terra, edificar casas, palácios e torres, templos que apontam para as estrelas, e agora, depois de se librar na atmosfera com asas e hélices, projeta-se além da estratosfera, mergulha no Cosmos, pousa na Lua e regressa à Terra, servindo-se de propulsores terrenos e das forças da gravidade, como se tivesse nascido nos espaços siderais e não do barro do planeta.

Quem não vê nesse esquema gigantesco e dinâmico o roteiro da evolução humana? De outro lado, rompemos os véus misteriosos de Isis nas pesquisas da Física, em que a matéria nos revela as estruturas atômicas da realidade aparentemente compacta e opaca, que se mostra fluída e transparente, e nas pesquisas psíquicas descobrimos que a nossa natureza não é concreta, mas abstrata, pois não somos corpos, mas espíritos.

Sobre os escombros do passado em ruínas, das civilizações mortas, das certezas materiais e sólidas transformadas em pó e ante a ameaça dos cogumelos atômicos desintegrantes, vemos de maneira inegável que a essência de toda a realidade tangível é na verdade intangível. Reconhecemos os enganos produzidos pela ilusão dos sentidos materiais em nosso senso abstrato e somos obrigados a compreender que malbaratamos o tempo nas encarnações desvairadas. As fachadas suntuosas das catedrais, os gigantescos edifícios das Instituições científicas, os Edifícios do

Saber em todos os campos – todo esse acervo de grandiosidade efêmera se reduz a esboços de uma verdade simples que se escondia por milênios na humildade de um casebre de arrabalde ou de uma choupana da roça – o Centro Espírita. Só ali encontramos, entre criaturas anônimas, na intuição dos simples, a Verdade que buscávamos. Assim também aconteceu nas grandes civilizações do passado, que renegaram os ensinamentos de um carpinteiro galileu. Na penumbra do Centro Espírita, suspeita para os sábios e os poderosos, Deus escondera a chave do mistério.

8

As Questões Políticas

Os resíduos do totalitarismo religioso, procedentes das fases teocráticas da evolução social e política do mundo, estão ainda bem vivos e atuantes em nosso meio e na maioria das nações. É natural que isso aconteça pois a evolução dos povos e de suas estruturas sócio-culturais é sempre lenta e difícil, em razão da complexidade das organizações maciças com seus múltiplos interesses, tradições, costumes, superstições e outros muitos elementos em mistura nos grupos sociais. A extática social se funda nas fixações de padrões de comportamento, usos e costumes, modos de pensar e de ser, tudo isso constituindo a trama do que podemos chamar o instinto social de conservação, muito mais forte e poderoso do que o instinto de conservação individual. Não raro nos espantamos com situações visivelmente estúpidas ou injustas que prevalecem nos meios sociais, sem que ninguém se lembre de modificá-las. É que as raízes do hábito se entrelaçam no inconsciente coletivo, sustentando acomodações muitas vezes já incômodas, mas que a estrutura geral sustenta para se proteger de desfigurações ou infiltrações de elementos estranhos.

A estrutura arcaica do Estado continuou a influir nos Estados modernos, por maiores que sejam as suas modificações. A ligação genésica dos elementos sociais básicos das estruturas antigas: Governo, Poder Militar, Religião dominante, Justiça, Repressão Policial, Língua, Folclore correspondem no seu conjunto a um arquétipo coletivo da estrutura sócio-cultural. Nos estados modernos a separação entre o Estado e a Religião, determinada pelas revoluções religiosas, que empolgaram grande parte das massas e das elites, representa apenas um processo de acomodação. A separação é apenas formal, pois em substância, nas Repúblicas, como nos antigos Impérios, a conjugação Estado-Igreja permanece quase inalterada. Diante disso, os grupos religiosos minoritários procuram, por sua vez, na reivindicação de seus direitos, manter relações semelhantes com o Estado, em

defesa de sua própria conservação. E o fazem através das franquias políticas da sociedade, procurando eleger seus representantes para cargos governamentais. Os interesses imediatistas falam mais alto do que os ideais no espírito prático dos renovadores.

Essa a razão por que, no Brasil e na maioria das nações em que o Espiritismo floresceu suficientemente, as instituições espíritas se defrontam às vezes com o problema das infiltrações políticas nos Centros. Muitos deles se transformam, nas épocas eleitorais, em verdadeiros comitês de candidatos que surgem do próprio meio espírita ou de meios que se ligam a ele por algumas afinidades reais ou supostas. Surge então o perigo das deformações doutrinárias nos Centros, geralmente empolgados pela possibilidade de eleição de um companheiro ou aliado para representação no poder político. Os espíritas são cidadãos como os demais e têm direitos e deveres no plano político, mas não têm o direito de envolver uma instituição doutrinária nas disputas eleitorais. É nesse momento que surge para o meio espírita o velho problema da separação entre o Estado e a Igreja. Não existe Igreja espírita, mas existe o Centro. Quando os dirigentes deste não estão devidamente esclarecidos sobre este assunto, podem transformar o Centro num Comitê eleitoral. Isto é o que se deve impedir. A Política é a arte da administração pública, da direção dos negócios públicos. O espírita, como cidadão, pode e deve participar dela, de acordo com os ditames da sua consciência, mas não tem o direito de se apresentar ao eleitorado como candidato espírita, porque o Espiritismo não é, não tem e não pode ter uma posição política. O espiritismo é a Ciência do Espírito e não da res pública. É no exame desse problema que compreendemos a resposta do Cristo aos que desejavam envolvê-lo nos problemas políticos do tempo: “Daí a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.” Que o cidadão dê ao Estado o que lhe compete dar, mas não se esqueça de reservar para Deus o que só a ele pertence: a sua qualificação específica de espírita no plano religioso. Nesse plano, o espírita tem deveres específicos, que são os da fidelidade à Doutrina, a preservação da sua pureza, evitando de desviá-la de seu objetivo exclusivamente espiritual. A Política é campo terreno de disputas, intrigas, conflitos de toda

ordem. Comprometer o Espiritismo nessa área de discórdias, em que fervem as paixões partidárias e ideológicas, é levar para a área espírita as divergências mundanas, como vemos na História do passado e agora mesmo, na História contemporânea, as inquietações e os desajustes do mundo. A função política do Espiritismo existe, mas noutro sentido. Não lhe cabe nenhum lugar nas disputas de cargos políticos, mas lhe cabe a formação espiritual dos homens para que exerçam, como cidadãos, influência benéfica na solução dos problemas políticos, através do bom-senso e da retidão da consciência, quando levado pelas circunstâncias, chamado ou convocado para funções administrativas em áreas do Estado. O seu esforço para o aperfeiçoamento das estruturas políticas, o seu exemplo de respeito a todos que agem nessa área, o desinteresse puro que demonstrar no exercício de suas funções, sacrificando-se pelo bem público não constituem, nesses casos mistura de interesses materiais com objetivos espirituais.

Para bem entendermos isso devemos lembrar que o Cristo nunca exerceu nenhuma função política, nunca pretendeu assumir posições políticas, recusou-se até mesmo nas lutas pela libertação de Israel dominada pelos romanos (questão que os judeus consideravam como sagrada, pois misturavam as coisa do Céu com as Terra), mas apesar de sua total abstinência política conseguiu injetar nas estruturas políticas do Mundo a seiva divina da orientação evangélica. O mesmo aconteceu com Kardec, que passou incólume pela agitações políticas da França, numa fase tumultuosa, sem tentar aproveitar-se de aproximações políticas para dar ao Espiritismo o lugar que lhe cabia no desenvolvimento espiritual da Terra. O Espiritismo se liga a todos os campos das atividades humanas, não para entranhar-se neles, mas para iluminá-los com as luzes do Espírito. Servir o Mundo através de Deus é a sua função, e não servir a Deus através do Mundo, que nada pode dar a Deus, senão a obediência às leis divinas. A política é um campo magnético de forças cruzadas, que exerce várias formas de atração sobre os homens, na pauta de seus múltiplos e contraditórios interesses. Mas o ponto de conexão das energias políticas com os interesses materiais tem

nome e sobrenome: Egoísmo Vaidoso. Nas fases de crise política vemos os políticos engolirem heroicamente cobras e lagartos para se equilibrarem nas situações mais difíceis. O espírita engajado na política tem de enfrentar todos esses problemas sem projetar a sombra de suas atitudes contraditórias ou falsas no campo doutrinário do seu eleitorado. No exercício de funções jornalísticas vimos diversos espíritas de nome cercados de esperanças falirem na luta política, desservindo às idéias que desejavam servir. Perderam a parada para si mesmos e saíram da luta mutilados. Por isso entendemos que o espírita só deve entrar na política quando convocado para funções ou posições que não possa recusar, porque então disporá do amparo de sua independência, de seu desinteresse pela carreira e de sua disposição para superar as fascinações traiçoeiras do meio. Quando consegue manter-se nessa rara posição, presta realmente serviços à causa pública a aos ideais, pagando por esse heroísmo o preço de profundas desilusões.

O espírita não é nem pode ser avesso aos interesses públicos, mas não deve arriscar-se aos azares da política se não estiver impregnado até à medula do firme propósito de resistir a todas as fascinações do cargo que vai exercer e solidamente esteado nos princípios da Doutrina. Entre os apóstolos de Jesus havia um jovem ambicioso, embriagado de sonhos e aspirações políticas para o seu povo, que acabou atirando aos pés dos rabinos do Templo as trinta moedas de sua traição.

O Espiritismo é o fermento de um novo mundo em que a política estará livre dessa condição amarga e perigosa. Se quisermos ajudar a política a elevar-se nos rumos do futuro, não é a ela que devemos nos entregar, mas à introdução dos ideais espíritas na consciência humana, porque sem fermento o bolo não cresce.

Tivemos a ocasião de ver candidatos espíritas a cargos políticos elaborando projetos de lei para a constituição oficial da Igreja Espírita, com a necessária hierarquia eclesiástica, de maneira a se dar ao Espiritismo, como alegavam, maior força política. (Repetição da entrega do Cristianismo ao Império Romano). Vimos e ouvimos pregações entusiásticas de políticos espíritas encarecendo a necessidade de criar-se a liturgia espírita,

com toda a série de sacramentos, desde o batismo e o casamento até à recomendação de defuntos nos Centros. (Capitulação do Cristianismo no Século IV ante as infiltrações do sincretismo religioso). Lutamos duramente contra políticos espíritas que tentavam a criação do Partido Político Espírita que desencadearia a luta religiosa no meio político-eleitoral. Participamos de assembléias de grandes instituições doutrinárias que enfrentavam a tese de uma organização geral dos espíritas com objetivos eleitorais rigidamente programados e executados pelas Federações. (Queda da Igreja nos compromissos políticos dominadores). Vimos publicações oficiais de instituições espíritas entregues à propaganda política no meio doutrinário e Centros Espíritas honestos e ativos transformados em comitês permanentes de candidaturas políticas também permanentes. A casca de banana das ambições políticas, jogada intencionalmente na calçada das Federações provocou escorregões e quedas de espíritas dedicados e bem intencionados.

A ilusão política desvairou muitas figuras do meio espírita, enfraquecendo o movimento espírita, e várias dessas figuras chegaram a carregar velas acessas em procissões noturnas para não perderem o prestígio político juntos às áreas dos católicos simpatizantes da Doutrina. Vimos também algumas dessas figuras recolhidas a tratamento de desobsessões em Centros socorristas e outras recolhidas, em estado de completa perturbação ao tratamento de Hospitais Espíritas. Lemos livros de conhecidos espíritas estudiosos e cultos defendendo ideologias de direita e de esquerda em nome da Doutrina. E ainda assistimos ao esfacelamento de Mocidades Espíritas, dotadas de toda a agressividade da juventude, promovendo movimentos políticos e sustentado teses violentas em favor de um Espiritismo mais integrado na realidade social. Felizmente essa sarabanda de loucuras passou sem empolgar a maioria absoluta dos espíritas. Mas a ameaça pairou sobre o movimento doutrinário e sobre a Doutrina, mostrando-nos ao vivo a lamentável falta de conhecimento da Doutrina e as conseqüências a que essa ignorância (mesmo da parte de criaturas ilustradas e estudiosas) pode levar o movimento doutrinário. Em todos esses casos, a fascinação

política se conjugava com interpretações sofisticadas de princípios doutrinários, que justificavam (não intencionalmente) os perigosos desvios do pensamento espírita.

No Centro Espírita, por essas e outras, não se pode restringir as atividades apenas ao aspecto religioso e assistencial. Além dos cursos que devem ser dados sobre a Doutrina, com método e insistência, é necessário que em todas as sessões sejam pronunciadas breves palestras elucidadoras, seguidas de diálogos de assistência com o expositor. Sem o constante e livre estudo da Doutrina – dirigido sem pretensões, mas também sem o receio de abordagem dos pontos mais difíceis da Doutrina, não conseguiremos superar o estágio embrionário em que ainda permanece grande parcela do movimento doutrinário. E se não superarmos esse estágio continuaremos expostos a todos os perigos que relacionamos e a outros que poderão surgir.

O Centro Espírita possui os elementos seguros para a realização desse objetivo. Basta que os dirigentes, por mais modestos que sejam, não se esqueçam da bússola que lhes permitirá navegar com segurança nas águas mais tumultuosas: a Codificação de Allan Kardec. Basta um esquema dos pontos essenciais da Codificação, mantido obrigatoriamente nos trabalhos públicos, com a rejeição da mistificação roustainguista e das novidades sem nenhuma autoridade que são semeadas em nosso meio por pessoas sistemáticas ou pretensiosas, para se conseguir bons resultados. Kardec é a base e a cúpula da Doutrina, com o apoio, que nunca lhe faltou, do Espírito da Verdade. Se não queremos novidades é porque os novidadeiros somente se apóiam em suas pretensões individuais. Ninguém, nem mesmo Kardec, se estivesse sozinho na elaboração da Doutrina, não conseguiria construir o monumento de lógica inabalável que ele, com a ajuda dos Espíritos Superiores e o seu trabalho gigantesco de pesquisas conseguiu deixar-nos. Se não respeitarmos esse monumento, o melhor que temos a fazer é mudar-nos para outro campo doutrinário, deixando o Espiritismo avançar por si mesmo.

9

Problemas Religiosos

Ouve-se freqüentemente a pergunta: “O Espiritismo é religião?” E muitas vezes os espíritas não sabem respondê-la. A confusão a respeito provém das campanhas religiosas contra o Espiritismo. As Igrejas Cristãs, descendentes diretas da Igreja Judaica, definem-se como religiosas nos termos tradicionais do formalismo de suas organizações e do culto exterior calcado nos vários cultos dessa natureza que lhes serviram de modelo, em primeiro lugar o judeu e depois os mitológicos, com substanciais influências de Ordens Ocultas como a Maçonaria. As vestes sacerdotais, os paramentos do culto, os instrumentos sagrados – nada disso é de origem cristã, pois o Cristo não se interessou pelos cultos formais e só ensinou o cultivo interior do espírito. Algumas expressões dos Evangelho, alguns gestos e atitudes do Cristo deram motivo à adaptação de ritos e sacramentos judeus ou pagãos pelos cristãos. Como o Espiritismo, fiel ao espírito da renovação cristã, não aceitou o culto exterior, a organização clerical profissional, nem rituais, as Igrejas Cristãs fundaram-se nisso para declarar que o Espiritismo não era religião. Ligadas aos Estados, elas tiveram facilidade de influir nos organismos estatais para fazerem prevalecer a sua tese. Até hoje, no Brasil e em muitos países, certos organismos estatais, principalmente quando influenciados pela Igreja, negam ao Espiritismo o seu caráter de religião. Mas os espíritas precisam saber que o Espiritismo é religião e o Centro Espírita, geralmente religioso, deve insistir no esclarecimento desse problema em suas reuniões.

Não se trata de querer-se obter regalias governamentais para os Centros, mas de se colocar a verdade do fato. E esse fato é aquele que Kardec esclareceu com segurança desde o início do movimento espírita: o Espiritismo é a Ciência do Espírito e de suas relações com os homens; dessa Ciência resulta uma Filosofia e dessa Filosofia as conseqüências religiosas do Espiritismo, que constituem a religião Espírita.

Kardec, como Jesus, não era clérigo de nenhuma religião. Foi pedagogo, cientista e filósofo, diretor de estudos da Universidade de França. Ao enfrentar o problema das manifestações espíritas, que no seu tempo agitavam a América e a Europa, encarou-as como cientista. Observou e pesquisou os fenômenos espíritas, como os cientistas observavam e pesquisavam os fenômenos físicos, descobrindo-lhes as causas, identificando a sua origem, a natureza e descobrindo as leis que os regem. Desse trabalho minucioso e aprofundado, no confronto de hipóteses diversas, nasceu no mundo a Ciência Espírita. Grandes nomes das Ciências no século passado e neste século continuaram na linha de pesquisa de Kardec e confirmaram a validade das suas descobertas. Surgiram depois as ciências correlatas, entre as quais se destacaram a Metapsíquica de Richet, a Psicobiofísica de Notzing e por fim, a Parapsicologia atual, todas elas filhas do Espiritismo. A Parapsicologia foi a derradeira e decisiva confirmação do acerto de Kardec e com ela, sob a designação de fenômenos paranormais, os fenômenos espíritas integraram-se nos quadros científicos.

A Ciência Espírita revelou a face oculta da realidade que conhecemos e em que vivemos. Levantou as cortinas que ocultam os bastidores do palco em que representamos os nossos papéis e duplicou os conhecimentos humanos, até então restritos ao plano exterior das manifestações da vida.

Cada avanço significativo das Ciências no conhecimento do mundo transforma a nossa concepção da vida e do mundo, gerando uma nova Filosofia e uma nova moral. E a Moral, por sua vez, determinando novas regras de comportamento do homem no mundo, ante os mistérios da vida e da morte, gera uma nova posição religiosa. A Religião Espírita é a consequência natural da descoberta científica da sobrevivência e continuidade do homem após a morte. Cientificamente não se pode provar a imortalidade, pois não dispomos de recursos nem de tempo para constatar objetivamente que o homem é imortal em sua essência, mas testemunho dos Espíritos Superiores e as consequências lógicas da sobrevivência do homem após a morte nos levam

fatalmente à ilação da imortalidade, que o Espiritismo aceitou em seu campo religioso, bem como em sua Filosofia.

A Religião Espírita se funda nas provas científicas da sobrevivência e da comunicabilidade dos Espíritos com os homens através dos fenômenos paranormais (hoje comprovados cientificamente pela Parapsicologia), na existência de Deus como causa inteligente e primária de todas as coisas e de todos os seres e nas relações possíveis entre o Homem e Deus através do sentimento religioso inato no homem, na forma de uma lei de adoração e reverência aos poderes superiores que regem o Cosmos em sua plenitude.

Paralelamente ao desenvolvimento das pesquisas espíritas, as pesquisas sociológicas, antropológicas e filosóficas sobre a Religião levaram a cultura atual a rejeitar o antigo conceito de Religião como organismo social dotado de sistemas tradicionais. A existência de religiões desprovidas desses requisitos normais, a começar da simplicidade das religiões primitivas, e o aprofundamento dos estudos a respeito mostraram que o fenômeno religioso independe dessas condições artificiais. Com a tese de Henry Bergson sobre as origens da Moral e da Religião o problema se esclareceu, dando razão ao anúncio de Jesus e às profecias bíblicas sobre a interpretação em espírito e verdade que não se entrosava nos modelos. Bergson estabeleceu a distinção entre as religiões estáticas do formalismo social e a religião dinâmica e independente que se sobrepõe a todo formalismo. A Religião Espírita apareceu então, no quadro das pesquisas, como o modelo ideal das religiões do futuro. Firmada apenas no sentimento religioso, na lei de adoração da tese espírita, a nova Religião apresentava-se liberta dos aparatos do culto exterior, das pesadas e custosas organizações clericais hierárquicas e da suntuosidade arrogante dos templos. A Religião se libertava dos interesses humanos, das ambições de poder e supremacia dos clérigos e voltava-se para Deus.

O problema da Revelação, que caracteriza as Religiões Reveladas, orgulhosas de sua origem divina especial, foi colocado por Kardec no campo das manifestações espíritas, ou seja, da fenomenologia paranormal, e sujeita ao controle dos homens. A

Religião Espírita é também revelada, mas através de uma conjugação humano-divina. Os Espíritos Superiores fizeram revelações a Kardec, mas ele não as considerou válidas, reais, enquanto não pôde comprovar sua veracidade através das pesquisas. Kardec formulou a tese da dupla revelação: a que é dada por entidades espirituais ou por homens dotados de poderes paranormais e a que é feita pelos cientistas que investigam a Natureza, descobrem os seus segredos e os revelam no plano científico. É dessa dupla revelação rejeitada pelos místicos e os supersticiosos, que se constitui a Religião Espírita, que não se acomoda na fé cega mas exige a fé raciocinada, sancionada pelos fatos e pela razão esclarecida. Era o fim das fábulas e das superstições, o encontro da razão humana com a Verdade Divina. A importância desse acontecimento histórico foi negligenciada pelos comodistas da tradição supersticiosa e o Espiritismo foi acusado de reviver no mundo, em plena Era Científica, as mais baixas superstições do passado longínquo. Kardec esmagava a superstição com o poder perquiridor da razão e os místicos de braços dados com positivistas e materialistas o condenavam como supersticioso. Mas, apesar de toda essa injustiça e de todas as campanhas difamatórias desencadeadas no mundo contra o Espiritismo, o tempo se incumbiu de dar razão ao seu dono. Hoje, as pessoas realmente cultas e sinceras, estudiosas e livres de preconceitos, sabem que o Espiritismo dos simples é apenas um reflexo do Espiritismo dos sábios, que os próprios sábios materialistas são obrigados a reconhecer como válido. Só criaturas sistemáticas, retardatárias, preconceituosas ou sectárias, incapazes de abrir a mente fechada nas idéias feitas para a compreensão da realidade, continuam a negar a verdade espírita e ao mesmo tempo a sofrer sob o guante invisível dos espíritos obsessores. Porque a seita religiosa fechada é irmã da seita científica amarrada aos seus preconceitos. Um cientista apegado a preconceitos é a própria negação da Ciência.

Mas, estabelecida a Religião Espírita em sua plena liberdade de pensamento, surge no meio dos seus adeptos voluntários o problema dos resíduos do passado. Criaturas que se tornaram espíritas através de experiências paranormais inesperadas não

conseguem vencer as barreiras dos temores introjetados em seu inconsciente e começam a misturar suas velhas superstições aos conhecimentos novos que recebe. Não se conformam com a liberdade ampla do Espiritismo. Sentem a falta da canga ao pescoço calejado e procuram transformar os dirigentes de Centros em sacerdotes de um novo tipo e caem de joelhos diante de pobres médiuns falíveis, na esperança de graças impossíveis. Forma-se a farândola dos crentes ansiosos por benefícios especiais. E surgem questões de família e tradição, exigindo batizados, rituais, casamentos suntuosos, missas e promessas aos santos. O espiritismo dispensa todas as encenações rituais e todas as quinilharias da devoção formal. Para todas as encenações e todos os sacramentos o Espiritismo só tem um substitutivo: a prece espontânea e sincera, gratuita, que parte diretamente do coração da criatura para a Mente Suprema de Deus. No Centro Espírita esse problema deve ser objeto de estudos constantes, de esclarecimento seguro, para que a propagação irrefreável da Doutrina não se faça manchada pelos resíduos de um passado de heresias e fogueiras assassinas em nome de Deus. Embora não ferindo suscetibilidades, os dirigentes do Centro devem manter em pauta os esclarecimentos necessários, mostrando que, no plano do espírito só os elementos espirituais têm valor. Não se pode curar obsessões com sal grosso, folhas de arruda, incenso ou explosão de pólvora, nem com medalhas, crucifixos ou água benta. A obsessão é um processo inteligente desencadeado por espíritos – o que vale dizer por inteligências extra-físicas que não são atingidas por essas coisas. Pois eles vivem no plano espiritual, não no material e conhecem o problema da comunicação mediúnica e do envolvimento fluídico. Só podemos afastar uma entidade obsessiva pela persuasão e a prece, procurando esclarecê-la ao invés de dar-lhe ordens que só fazem irritá-la. Os Centros Espíritas que aceitam os métodos antiquados dos antigos esconjuros e exorcismos revelam a mais grosseira ignorância da Doutrina Espírita que é essencialmente racional. A Razão não pertence à matéria, mas ao espírito. Os fracassos das práticas de exorcismo se comprovam no mundo inteiro através de todas as fases históricas. Enquanto os exorcistas ou exorcisadores gastam energias e perdem tempo, com prejuízo de sua própria saúde e do

desgaste físico dos obsedados, chegando, não raro, a resultados tristemente negativos, a doutrinação espírita revela por toda parte a vantagem da ação persuasiva e inteligente sobre os agressores. O valor da prece, mental ou falada, revela-se sempre eficaz, pois a vibração espiritual de uma prece sincera atinge o obsessor de maneira envolvente, chamando-o à razão.

No tocante aos problemas da prece, convém lembrar, como ensina Kardec, que as mais eficazes são as preces espontâneas, não formais e decoradas, mas pronunciadas com sentimento e desejo real, consciente, de beneficiar tanto à vítima quanto ao algoz. Entre as preces formais, a do Pai Nosso se destaca por uma condição especial. Integrado na tradição cristã há dois milênios, essa prece está fixada na mente das gerações e goza o prestígio de ter sido ensinada pelo Cristo. Seu prestígio e sua capacidade de despertar emoções religiosas nos espíritos comprova-se diariamente no mundo. É por isso que ela é empregada sistematicamente na abertura das sessões espíritas. É um tabu, dizem os cépticos, e muitos espíritas, com pretensões racionais agudas, pretendem eliminá-la dos Centros. É um erro grave, pois em toda parte se constatou e se constata, no meio espírita, a sua eficácia. Não é difícil entendermos isso. O Pai Nosso não contém nenhum elemento mágico, mas desde a infância as criaturas nascidas no meio cristão aprenderam a dizê-la e a respeitá-la. Ela foi introjetada na consciência das gerações através dos séculos e dos milênios. Constitui-se numa forma oral e mental carregada de energias espirituais. Tornou-se, no plano religioso, o que é o soneto na poesia ocidental, uma forma oral e mental carregada de poder emocional. Os espíritos perturbadores, que têm consciência de sua posição negativa e criminosa – pois todos a têm – são tocados no íntimo, em sua sensibilidade profunda e em sua afetividade quando ouvem essa prece, principalmente se pronunciada por pessoas que sentem a sua mensagem e conhecem as razões da sua eficácia. Ela soa como um apelido da infância, de juventude emotiva, da vida passada que desencadeia antigas saudades nos homens e nos espíritos. A figura de Jesus, a força ôntica da palavra Pai, que vibra como um apelo a Deus e uma evocação do seu poder supremo e ao mesmo tempo misericordi-

oso, vibra como a primeira nota vigorosa e amorosa de uma imprecisão ao Céu, às regiões superiores que desejam atingir, por mais infeliz que seja a sua situação atual. Despertam-se na consciência e na emotividade do espírito as ternas lembranças dos entes queridos, do amor que experimentou na vida familiar terrena, dos momentos de felicidade e alegria que gozou entre criaturas queridas. São esse os toques profundos que o Pai Nosso produz nos corações fluídicos ou encarnados, como uma canção de outros tempos, antiga que, na ternura de suas notas e de sua harmonia, nos faz voltar às oportunidades pedidas.

Criaturas pretensamente racionais analisam e criticam o Pai Nosso, apontando possíveis erros e absurdos no seu texto mais usado e longo, que é o do Evangelho de João. Entidades maldosas costumam soprar a essas criaturas idéias negativas, tentando desviá-las da prática dessa prece. Bastaria esse fato para nos confirmar o valor do Pai Nosso. Os Evangelhos registram formas diferentes da prece de Jesus. A que permaneceu na tradição foi a mais completa, vítima das críticas referidas. Tentemos analisá-la rapidamente em todos os seus termos, desfazendo essas críticas levianas:

Pai – Com essa palavra inicial Jesus deu um golpe vibrante na antiga concepção politeísta de Deus e na idéia bíblica, bem judaica, da posição exclusivista de Deus e na sua condição mitológica de guerreiro, o velho Deus dos Exércitos.

Nosso – Nesta profunda palavra temos a universalização de Deus como Pai de toda a Humanidade. Ela destrói a velha e absurda idéia dos deuses de cada povo, em luta uns com os outros nas guerras dos povos.

que estais no Céu – Afirmação da presença de Deus no infinito, acima de todos os divisionismos humanos, pois o Céu não é um lugar determinado, mas a totalidade cósmica. Deus no Céu cobre na sua misericórdia toda a Terra e todos os mundos, todas as constelações do Infinito.

Santificado seja o Vosso Nome – Que seja reconhecido o nome de Deus como santo por todos os seres, anjos, espíritos e

homens, que santificarão o nome de Deus em si mesmos, na sua consciência.

Venha a nós o Vosso Reino – Que o Reino de Deus, ideal superior de Justiça e de Paz perfeita, venha para nós todos.

Seja feita a Vossa vontade, assim na Terra como no Céu – Que os homens, os espíritos e os anjos cumpram no Céu e na Terra, por toda parte, a vontade suprema de Deus, revelando-se aqui o princípio da comunhão constante e perfeita entre o mundo espiritual e o mundo terreno.

O pão nosso de cada dia dai-nos hoje – O pão simboliza o alimento geral de todos os seres – o espiritual e o material – que os povos daquele tempo repartiam nas mesas simbólicas das cerimônias religiosas. Jesus mesmo repartiu o pão com os discípulos na Ceia da Páscoa, e foi no partir do pão que os discípulos o reconheceram, depois da ressurreição, na estrada de Emaús. Esse alimento essencial é pedido a Deus, que é o Pai, para que não nos falte.

Perdoai as nossas ofensas, como as perdoamos aos nossos inimigos – Os inimigos são os que nos perseguem e caluniam. Alimentados pelo pão espiritual podemos perdoá-los e, só assim, nos fazemos dignos do perdão de Deus, que diariamente ofendemos em nossa ignorância. É o princípio da fraternidade em Deus e por Deus.

Não nos deixeis cair em tentação – Somos frágeis em nossa ignorância e alimentamos desejos e ambições. A tentação está em nós mesmo, mas Deus pode alimentar-nos diariamente o espírito com os verdadeiros anseios da nossa destinação, para não cairmos no torvelinho dos nossos instintos inferiores.

Mas livrai-nos do mal para sempre – Súplica a Deus para nos despertar a consciência nas horas difíceis de cada dia.

Pois vosso é o Reino, o poder e a glória para todo o sempre – O Reino que buscamos é o de Deus, não o dos homens. O poder é de Deus e não dos espíritos inferiores, a glória só a Deus pertence e só Ele nos pode glorificar. Laudação que só aparece no Evangelho de João, como justificação final de toda a prece.

O Pai Nosso é uma prece sintética, modelo dado por Jesus aos seus discípulos, para que nela encontrem, diariamente, a síntese final dos seus ensinamentos. A dinâmica dessa síntese desperta a memória dos homens e das entidades espirituais para a fé em Deus, a esperança em nossa evolução espiritual e a confiança no poder absoluto e na misericórdia d'Aquele que nos arranca do limo da Terra para as ascensões da evolução universal.

Há pessoas que discordam da prece do Pai Nosso nas sessões espíritas, alegando que se trata de uma oração católica. Jesus nasceu no Judaísmo, recebeu a bênção da virilidade no Templo, aos 13 anos, como todos os meninos judeus da sua idade, cresceu e viveu como judeu até o momento em que iniciou a sua pregação própria, da qual nasceria o Cristianismo, porque os seus discípulos e apóstolos o chamavam de Cristo. Ele ensinou a prece do Pai Nosso quando andava pregando na Palestina, muito antes que a sua doutrina chegasse a Roma e fosse transformada num vasto sincretismo religioso do qual surgiria a Igreja Romana. O Pai Nosso virou Padre Nosso em Roma e só neste século voltou à designação primitiva, dada pelos cristãos palestinos que não falavam latim. Não há razão nenhuma para se considerar essa prece como católica. Ela é uma prece cristã pura, dotada de todas as características do pensamento superior de Jesus, que sempre pairou acima dos divisionismos sectários. Se os Evangelhos apresentam o Pai Nosso em formas diferentes, isso acontece pelo simples fato de que cada evangelista redigiu os seus relatos em lugares e épocas diferentes, usando as lembranças e as anotações que possuíam. João, cujo Evangelho foi o último a ser elaborado, conseguiu reunir maiores elementos para dar a prece completa, segundo era pronunciada pelos cristãos primitivos. Como assinalou Renan, e foi confirmado nos séculos seguintes pelos pesquisadores universitários das origens do Cristianismo, as informações de que os evangelistas dispunham procediam dos próprios círculos da intimidade do Mestre, guardando a autenticidade das suas expressões.

A insistência da Igreja Católica em manter as expressões latina Padre (Pater) no nome da prece, lançou nos países de língua latina, como Portugal e o nosso, a falsa sugestão de uma ligação

real entre a Igreja (cujos sacerdotes são chamados padres), o que foi duramente contestado pelas Igrejas da Reforma Protestante.

O emprego do Pai Nosso nas reuniões espíritas é perfeitamente válido, tanto em face das características inegáveis de Renascimento Cristão da Doutrina Espírita, tanto em seu desenvolvimento filosófico, quanto em suas atividades práticas. A alegação de que o Espiritismo mistura Cristianismo com religiões primitivas é simplesmente uma impostura, diante dos estudos aprofundados sobre a formação do sincretismo católico-africano de que o Espiritismo não participou.

10

Os Espíritos Curam

A Terapêutica Espírita abrange todos os ramos da Medicina. Urbano de Assis Xavier, cirurgião-dentista e médium de grande sensibilidade, serviu de intermediário para muitas curas e gostava de pesquisar essa questão. Pronunciou uma palestra, na década de 40, na Biblioteca Municipal de São Paulo, sobre o tema que serve de título para este capítulo. Sua experiência pessoal e o seu acervo de observações dariam para a elaboração de um grande volume a respeito. Fomos testemunhas de numerosas curas. Ele insistia na necessidade de se compreender que o médium é simplesmente, nesses casos, um instrumento passivo nas mãos dos espíritos. Por isso acentuava que os espíritos curavam e não os médiuns. Este é o ponto essencial da compreensão, pelos médiuns e os dirigentes de Centros, do melindroso problema das curas geralmente chamadas de mediúnicas. Sem essa compreensão humilde de parte dos médiuns eles se arriscam a cair nas armadilhas de sua própria vaidade, que os leva a atitudes ridículas e comprometedoras para o Centro e a Doutrina. Um médium que se julga capaz de curar por si mesmo é um ignorante ou inconsciente, que facilmente se transforma num charlatão ambicioso, tomador de dinheiro do próximo.

Como Kardec advertia, dois fatores garantem a faculdade curadora real de um médium: a sua humildade e o seu desinteresse. Se ele for orgulhoso, convencido de sua eficiência e cobra o seu trabalho mediúnico, direta ou indiretamente, devemos simplesmente ignorá-lo e fugir dele. Os espíritos mistificadores o acompanham – pois cada qual tem as companhias espirituais que merece – e o médium, nesse caso, está fatalmente na via torva da mistificação perigosa. Os dirigentes de Centros precisam ter a maior cautela e observar atenta e permanentemente os médiuns curadores de que dispuser nos seus trabalhos. As manobras de envolvimento dos mistificadores são sutis e envolvem ao mesmo tempo o médium vaidoso, os dirigentes sem conhecimento doutrinário e bom-senso e os pacientes que se entregam cega-

mente a experiências perigosas, fiados numa fé supersticiosa e cega. Devemos ter sempre em mente que estamos na Terra para evoluir, desenvolvendo nossa capacidade de trabalho e prudência. Espíritos em evolução, se nos entregamos às pretensões de superioridade e de merecimento pessoal, os Bons Espíritos não interferem para não prejudicarem o nosso aprendizado. Teremos de passar pelas experiências negativas, a fim de atingir os objetivos de nossa encarnação. Podemos pedir a Deus o que quisemos, mas só receberemos aquilo de que realmente carecemos. A prece nos ajuda, estabelece a nossa sintonia com os Espíritos Benevolente, mas se deixarmos de lado o bom-senso e a perspicácia, se não nos mantivermos em vigilância, esperando tudo do Céu e não usando o nosso discernimento, só a experiência, por mais dura que seja, poderá corrigir-nos. Analisemos bem este problema para não chorarmos mais tarde sobre a nossa incúria. Os Espíritos Bons nos amparam, assistem e ajudam, dando-nos orientação e conselhos intuitivos, mas não tomam o nosso lugar naquilo que só a nós pertence.

A cura espírita não se efetua, por mais dedicados que sejamos ao Espiritismo, por mais abnegados no tocante ao próximo, se a doença ou deficiência que sofrermos for em si mesma o remédio de que de fato precisamos. Os interesses superiores da evolução espiritual estão sempre acima dos nossos interesses individuais e passageiros. Se uma pessoa é cega ou está ficando cega, é porque a prova da cegueira a ajudará a desenvolver a humildade em lugar da vaidade que cultivou no passado, já estamos sendo espiritualmente curados. Fala-se muito em méritos e recompensas, mas não se trata disso na questão das curas. A questão de méritos é nossa, e como somos sempre demasiado generosos em nosso auto-julgamento, ao receber uma cura nos consideramos premiados. Para Deus e, portanto, para os Espíritos Superiores, a doença é cura de nossas imperfeições e a cura é que nos predispõe para as provas que ainda teremos de enfrentar.

Por tudo isso, enganam-se os médicos que encaram a terapêutica espírita hoje chamada de paranormal, como uma forma de concorrência do Espiritismo com a Medicina. Os médiuns não podem curar o que querem e quando o querem. Por isso Jesus

empregava a expressão figurada “Perdoados foram teus pecados”, quando conseguia curar alguém. O perdão, em linguagem legal, equivale a uma suspensão da pena. Os pecados estavam perdoados porque a pena havia chegado ao fim. A pena não havia sido imposta por decreto e nem seria suspensa por decreto. Nossa evolução é um processo natural de desenvolvimento de nossas potencialidades. Aquilo que obstrui esse desenvolvimento provoca coágulos na estrutura psíquica, extremamente fluídica, gerando doenças e deficiências orgânicas. Aquilo que facilita o desenvolvimento produz curas e possibilidades de curas. Essas possibilidades podem resultar em curas, tanto por intervenção mediúnica quanto por intervenção médica. A razão por que o médico falha em casos que o médium resolve, e vice-versa, não decorre de méritos deste ou daquele, mas das necessidades reais do paciente. Se este necessita de fortalecer sua fé ou de quebrar o seu orgulho, pode receber a cura mediúnica ou espiritual, e se aquele precisa submeter-se a intervenções cirúrgicas, para reequilibrar sua consciência em relação com o passado, não conseguirá a cura paranormal. Isso não depende de uma decisão momentânea de Deus, mas do que já estava determinado na estrutura de causas e efeitos da vida atual da pessoa. Trata-se de um determinismo relativo, de que causas e efeitos correspondem sempre às exigências da lei de evolução espiritual. Nesse determinismo pode haver alterações, segundo os novos rumos que a evolução individual tomar na presente existência. Temos de examinar esses problemas à luz da Doutrina Espírita. Infelizmente escasseiam esses estudos entre nós, de maneira que temos sempre uma visão demasiado antropomórfica desses processos. No Centro Espírita o problema das curas não pode restringir-se a tentativas ocasionais ou aleatórias. Estamos numa fase de intenso desenvolvimento científico e cultural em geral e precisamos aprofundar o estudo da nossa Doutrina em evolução com todos os progressos da atualidade. Kardec nos deixou em sua obra uma vasta herança que ainda não soubemos aproveitar. Contentamos com um Espiritismo superficial, de tipo sectário, sem nos preocuparmos com a reflexão acurada e logicamente dirigida dos princípios doutrinários. E quando aparece alguém que se propõe a tratar do assunto em plano mais elevado, o que vemos são

atentados à Doutrina, críticas a Kardec, tentativas ridículas de superação ou de pretensiosa atualização de uma Doutrina cujos ponteiros estão marcando as horas de vários séculos à frente.

Não perdemos ainda o hábito indígena do cocar e da tanga. Gostamos de enfeitar a cabeça com penas coloridas de araras e apresentar-nos de tanga ante a cultura nacional. Com a cabeça enfeitada de idéias e hipóteses da atualidade científica, acusamos Kardec de mecanicista superado, autor de teorias empoeiradas, e tentamos substituir essas teorias por outras que pertencem a milênios passados e nos proclamamos originais e atualíssimos. Correções de Kardec surgem da terra aos montes, como as heresias do Cristianismo Primitivo, que Tertuliano dizia brotarem do chão como cogumelos. E quando escapamos disso caímos nas atualizações, adulteração, com aprovação, aplauso e defesa de instituições antes respeitáveis. O atrevimento desses reformadores é untado de mística piedade, ao som das ladainhas catadas pelos corais padrescos do Umbral. E quando alguém se levanta contra isso é logo taxado de inimigo da evolução e promotor de desordens, interessado em vender os seus livros.

Não queremos, naturalmente, que no recinto humilde dos Centros dedicados exclusivamente a práticas religiosas e fraternas apareçam grandes mentalidades. Em cada setor das atividades doutrinárias encontramos sempre criaturas abnegadas e fiéis à Doutrina, que cumprem os seus deveres. É das Federações e Uniões que surgem os reformadores atrevidos com falações mestiças de papagaios barulhentos e místicos de olheiras fundas e voz untuosa. Tudo isso revela uma falta assustadora de piso cultural em nosso movimento doutrinário, dando ensejo ao aparecimento de pregadores dramáticos, tipo Billy Graham, que arrebatam os ouvintes ingênuos com figuras literárias do século passado, a fronte gotejante de suor no esforço de recordar os trechos alheios decorados. Não podemos nos esquecer da existência da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e no Brasil a Sociedade Baiana de Luiz Olímpio Teles de Menezes, o fundador da Imprensa Espírita em nossa terra; das mesmas culminâncias surgem pavões de pés grotescos e plumagem brilhantes, arrogando sabedoria e pregando como suprema verdade a incrí-

vel e estupefaciente, ilegível e incompreensível obra de Roustaing, “Os Quatros Evangelhos”, que devia ter como título uma expressão mais adequada: “As Mil e Uma Noites” da Mistificação. Para contrabalançar essa desgraça (falta da Graça de Deus) a Argentina nos manda “A Vida de Jesus Ditada por Ele Mesmo”, em que vemos o Mestre lamentar-se de se haver entregado à sua vocação messiânica, reencarnado em mundos primitivos, ao invés de gozar a vidinha tranqüila de Nazaré no seio da família. Em Roustaing vemos Arcanjos Celestes punidos, com encarnações em mundos primitivos na forma de criptógamos carnudos, que seriam lesmas rastejantes mas dotadas de carne humana, expediente ridículo para salvar a obra da condenação doutrinária, pois a Doutrina não admite a volta de um espírito humano em encarnação animal. A ridícula e grosseira expressão criptógamos carnudos aparece para encobrir o absurdo. Se esses bichos rastejantes têm carne humana, não deixaram de pertencer à espécie humana. E toda uma Federação Nacional aceita, endossa, propaga e defende acirradamente essa proposição da mais despropositada metempsicose que já se imaginou no mundo.

A palavra criptógamo é empregada em botânica para designar os vegetais que tem os órgãos reprodutores ocultos. Para aplicar o termo a animais, os mistificadores acrescentaram-lhe o feio adjetivo carnudo, sem respeito pela pureza e elegância da linguagem. E o pior é que líderes do movimento espírita sabem disso, mas calam-se para não cair cizânia na praça. À prova de incultura e falta de bom-senso acrescentam a covardia moral. Se essa teoria fosse certa, teríamos em breve os anjos roustainguitas transformados em criptógamos, para descanso dos espíritas cultos ou incultos, mas de bom-senso.

Os dirigentes de Centro precisam tomar conhecimento desses absurdos e lutar contra eles, porque essas invencionices ridículas atrasam o desenvolvimento da Doutrina e afastam dos Centro as pessoas que sabem pensar. A Doutrina Espíritas, Plataforma Cultural do Futuro do Mundo, é apresentada aos nossos meios culturais como um delírio místico de multidões sertanejas, aprovado e sustentado por intelectualóides citadinos. Nunca se viu no mundo coisa semelhante: um monumento de lógica e de

critério científico, que veio da França pelas mãos de um sábio extremamente ponderado – o próprio bom-senso encarnado, como o chamaram e chamam ainda hoje – transformado pelos seus próprios adeptos na mais absurda moxinifada de todos os tempos. Nem mesmo o Cristianismo foi tão aviltado.

Nesta fase de transição, em que tudo se embaralha, só nos resta a esperança dos Centros Espíritas humildes, onde criaturas sinceras não pensam em projetar-se montados em elefantes brancos. Só da humildade e pureza do Centro Espírita poderá surgir a reação salvadora. Mas para isso é necessário que o Centro Espírita tome consciência e conhecimento da situação desastrosa em que nos encontramos e da necessidade de repelir as mistificações e as adulterações, com o mesmo chicote sagrado com que Jesus derrubou as mesas dos cambistas no Templo e libertou os animais destinados ao sacrifício profanador. É necessário que os Centros se liguem entre si, formando grupos independentes, na linha tradicional da liberdade espírita, para se oporem vigorosamente a esse processo suntuoso e petulante de deformação, de desagregação da Doutrina, que os novos rabinos infiltraram no movimento espírita desprevenido. Não podemos misturar alhos com bugalhos para dar ao povo esse produto adulterado.

Sabemos que os espíritos curam – não os médiuns – e agora quem precisa de cura é o nosso movimento doutrinário, combalido por mais de um século de infiltrações venenosas em sua frágil estrutura. Abandonemos a pretensão de constituir uma Igreja Nova, centralizada numa Catedral Federativa, pois já vimos que turbas de clérigos, mortos e vivos, estão sempre dispostos a invadir o novo edifício, como os espíritos obsessores da parábola voltam à casa limpa e arrumada e dela se apossam de novo; a sua condição será, então, pior do que a anterior.

As grandes instituições tendem sempre ao mandonismo, ao autoritarismo, o que não se conforma de maneira alguma e sob nenhum pretexto com os princípios democráticos do Espiritismo. As pessoas mais simples, colocadas numa modesta posição em grande instituição, mostram-se logo arrogantes e saberetas. A vaidade humana está sempre à espreita no coração do homem.

Logo que as circunstâncias lhe favorecem uma oportunidade, a mais humilde criatura toma atitudes arrogantes. Nos quadros superiores da administração aparecem até mesmo os missionários, criaturas que se julgam agraciadas (não pela bondade, mas pela justiça de Deus) para comandar e salvar os outros. Nenhum Centro pequeno e humilde se atreveria a dizer-se Casa-Máter do Espiritismo, mas uma Federação se diz, arroga-se direitos que nunca possuiu nem poderia possuir e toma em suas mãos predestinadas a direção do movimento doutrinário. O crescimento da instituição, a subserviência das menores, que temem cair em desgraça ante homens tão importantes e sábios completam a obra da megalomania humana e tudo vai por água abaixo. A humildade dos pobres vira fermento de grandeza se lhes dermos um palácio para morar. Até mesmo os espíritas, com as exceções naturais da regra, deixam-se facilmente empolgar pelas obras suntuosas, não se lembram de que o Templo de Salomão foi destruído para sempre, mas o templo humilde do carpinteiro de Nazaré, destruído, reergueu-se em três dias e permanece para sempre. Entre os problemas da cura espírita, o que mais deve nos interessar, nos trabalhos do Centro Espírita, é a cura da vaidade no coração dos homens. Evitemos a suntuosidade no movimento doutrinário, se quisermos que ele se conserve puro e simples. Nada representa melhor o Espiritismo do que o Centro de chão batido e telhas vãs, bancos e mesas de paus fincados no chão, Zé Sobrinho lendo o Evangelho em mangas de camisa, na sitioca distante de São Bartolomeu, na Sorocabana. Eu o vi, participei da reunião rústica e senti a grandeza da Doutrina Espírita entre aquela gente simples e boa. Ali ninguém mandava e todos se uniam espontaneamente no trabalho de amor ao próximo e louvor a Deus.

Metamorfose Religiosa

As Religiões são organismos vivos, integrados pelas células individuais dos adeptos, crescem no tempo, passando por todas as transformações do crescimento. Kerschenteiner, em sua Fisiologia do Mito, afirma que a lei do mito é a metamorfose. Mas porque do mito, se essa lei é a de toda a evolução das coisas e dos seres, em todo o Universo? Os mitos são elementos fundamentais da Religião. Nascendo dos mitos agrários, que são representações de convergências telúricas, as Religiões se desenvolvem nas coordenadas históricas do tempo e do espaço e se projetam nas perspectivas do futuro. O passado místico, nas mitologias mágicas e anímicas das selvas e das geleiras, constitui o produto sincrético das relações do espanto. A alma humana se deslumbra com a magia da Natureza, sentindo-se integrada nela e por ela absorvida. Esse momento mágico explode em mitos, envolvendo o mundo de deuses, na plenitude divina captada pela vidência de Tales de Mileto: “O mundo é pleno de deuses”. Dos processos dialéticos do Caos surgem os ritos, os cultos e os templos. Mas é no templo, forma estática da síntese dialética, que temos a síntese final da oposição Homem-Terra. O Templo abriga a Religião, para defendê-la e sustentá-la em seu desenvolvimento. É a concha marinha em que a ostra se forma para produzir a pérola, essa deformação da matéria que rompe a estática da forma com o impacto das leis do crescimento. Do templo humilde, primitivo – a cabana mágica do Pagé ou do Xamã – facilmente rompidas as formas primárias, surgem as formas múltiplas e sólidas dos Templos da Suméria, do Egito antigo e suntuoso, da Mesopotâmia lírica com seus braços de rios.

Do Templo de Salomão, orgulhoso como as montanhas do Cáucaso, num momento de concentração final de ciclos históricos, completando-se a espiral evolutiva do tempo no espaço – amalgamados na realidade substancial de Espírito e Matéria, surgiram as descendências espúrias das Sinagogas, convergindo

na direção dos primeiros templos cristãos. Nas repetições filogenéticas da temporalidade, o primeiro templo Cristão fundado por Paulo em Antióquia projeta-se ao encontro dos mitos imperiais da Roma dos Césares e ali, em sangue e lágrimas, realiza-se o amálgama da sedimentação do embasamento do ciclo gigantesco das Catedrais. E mais uma vez, na impulsão da filogênese sempre atuante, vamos ter, na sucessões de dois milênios, o aparecimento das gerações microscópicas mas prolíferas dos Centros Espíritas. Os ritmos do desenvolvimento convergem sempre para as origens, na necessidade de recomeçar, buscando o fio perdido do prolongado processo genético nos escombros da corrupção aristotélica. Geração e corrupção são o reverso da moeda de César que os fariseus apresentaram ao Cristo, revezando-se nas exigências conjugadas e opostas do Reino de Deus e do Reino da Terra. Ante a grandiosidade dos templos e sua complexidade, nas fases de crescimento violento, a sinagoga e o Centro Espírita são descendências espúrias de linhagens de templo suntuosos. Não obstante, a sinagoga vai ainda converter-se no templo cristão de paredes nuas, desprovido de altares e imagens, de símbolos e insígnias, para pegar o esquivo fio de Ariadne da orientação messiânica.

Vemos que em todo esse processo a lei ordenadora é uma só, a da metamorfose. Há uma intenção secreta no processo histórico, que os homens não percebem mas captam no inconsciente, nessa religião subterrânea da alma que a percepção extra-sensorial nos revela atualmente de maneira inegável.

Os filósofos do Nada, esses nadificadores de si mesmos, e os que se interessavam pela realidade sensorial, vivem apenas uma meia-vida, conhecem apenas a superfície opaca da Terra e não podem opinar sobre a realidade total encarada e pesquisada pelo Espiritismo. Temos o direito de negar a esses filósofos, como Kardec negou aos cientista do seu tempo, sua suposta capacidade de criticar a Ciência Espírita. Como eles poderiam perceber a lei da metamorfose no seu desenvolvimento espantoso, da cabana mágica do pagé até o Centro Espírita, se não dispõem dos dados necessários sobre a realidade espiritual que negam? Os exemplos históricos dessa impossibilidade são inúmeros. Augusto Comte

negou a Psicologia, mutilando a sua visão admirável da realidade científica. Spencer descreveu a mecânica sensorial da origem das Religiões, sem perceber as causas desse processo, e foi corrigido mais tarde pelo seu discípulo italiano, Ernesto Bozzano, que provou através da pesquisa científica o engano do mestre genial. Bertrand Russell insistiu até o último instante na sustentação de sua posição materialista, negando-se a aceitar a própria comprovação das conquistas da Física Atômica e Nuclear da irrealdade da matéria. Os marxistas, escudados na visão materialista de Marx e na Dialética da Natureza de Engels, recusam-se a aceitar a evidência do espírito nas suas próprias descobertas de laboratório como o fez Vassiliev no caso das pesquisas parapsicológicas e como o fez a própria Academia de Ciência da URSS no caso da descoberta do corpo bioplásmico. Não se trata de má-vontade, mas de condicionamento mental, como o explicou Remy Chauvin. Um velho teimoso como René Sudre, que levou de Bozzano a maior surra da História das Ciências, volta a negar a presença do espírito nos fenômenos paranormais, publicando as suas interpretações da Parapsicologia atual com o mesmo ranço e a rigidez de múmia mental do passado. Padres e frades, já despidos de batina e hábito, insistem ridiculamente em suas badernas culturais, com uma incapacidade dolorosa de compreensão científica, fazendo-se passar por cientistas e filósofos perante as multidões ingênuas. São figurantes de uma fase histórica em que o clero e as Igrejas se despem das roupagens antigas, passando sem o perceber pela metamorfose das lagartas que viram borboletas, voejando sem rumo em busca do néctar do deuses. Esses padres e frades, protegidos pela hierarquia eclesiástica, descem das funções sacerdotais para as de camelôs de uma falsa cultura desgastada no tempo. A Lei da metamorfose age imperceptível sobre a espécie, modificando-a de maneira implacável.

No tocante aos templos, as modificações se deram com tal rapidez que provocam a revolta dos fiéis e de alguns clérigos tradicionalistas, como o Cardeal Lefevre e seus companheiros da resistência francesa. Modificam-se os templos em sua estrutura interna e com esta os rituais e toda a sistemática litúrgica. Mas essas mudanças, destinadas a simplificar e atualizar a Religião,

avançam, precisamente na direção do modelo espírita. As Igrejas e seus templos despem-se das suntuosidades materiais e formais em busca da substância espiritual. A resistência a essas transformações é inútil, conseguindo apenas abrandar, em alguns sentidos, a velocidade do processo.

Tudo isso nos mostra claramente que a metamorfose religiosa, no Catolicismo e nas demais igrejas cristãs, faz a curva de volta, na espiral evolutiva, aos primeiros séculos do Cristianismo. Nada se perdeu ao longo do tempo. Podemos lembrar, para exemplificar, o símbolo indiano da serpente que morde a própria cauda. Segundo esse símbolo, usado oficialmente pela Teosofia, o processo evolutivo parte da ignorância (o rabo da serpente) cresce na absorção de elementos naturais, engordando (o corpo) e atinge a consciência da formação da cabeça. Quando a serpente morde a ponta da cauda, fechando o círculo da vida sobre si mesma, temos o seu retorno à simplicidade primitiva. A cauda nada era, o corpo era apenas um embrião, a cabeça desenvolveu as potencialidades da inteligência, mas a mordida na cauda fechou o ciclo evolutivo numa prova de humildade. A cabeça, centro do saber, do conhecimento, rojou-se no chão, junto da cauda e com ela se confundiu. Kardec recebeu o ensino dos Espíritos Superiores: “Os espíritos nascem simples e ignorantes”. E a partir desse estágio primário, mostrou que todas as possibilidades evolutivas se abriam para os espíritos nas vidas sucessivas. A verdade é uma só, mas pode ser percebida e interpretada segundo a posição de cada observador.

Tudo quando se passou no Cristianismo, através dos milênios, teve a sua razão de ser, decorreu necessariamente das condições da humanidade em cada fase da sua evolução histórica. A serpente engordou e engorgitou-se a ponto de parecer capaz de engolir o mundo. Mas quando a inteligência começou a desenvolver-se ela enrolou-se e procurou morder humildemente a cauda. Fundem-se, nesse momento decisivo, o elemento vital, os materiais absorvidos no crescimento, as experiências adquiridas e as intuições do futuro, para que o animal instintivo perceba a luz da razão em seu cérebro rastejante e descubra em sua mente

os reflexos do poder criador de Deus. Tudo serviu para formação e a abertura do Ser na escalada divina.

Disse Jesus que a pedra rejeitada seria tomada para fundamento do edifício. O Centro Espírita rejeitado, caluniado, humilhado, aparece nesse processo bimilenar da evolução religiosa do Ocidente como a pedra angular da Civilização do Espírito na Era Cósmica. No Centro Espírita os ensinamentos de Jesus se concretizam, não em ídolos e formalidades artificiais, mas no conhecimento e no saber positivo. O homem descobre que o seu conceito do Sagrado estava errado, pois o sagrado não está nas coisas exteriores, mas na natureza íntima do ser humano e na divindade dos seres superiores. Percebe que o que vale é o Espírito e não o corpo, pois só o Espírito realmente existe. Aprende que nenhuma bênção exterior e formal pode salvá-lo mas somente a sua dedicação ao bem e à verdade, a sua abertura espiritual para as bênçãos permanentes de Deus que jorram no mundo, abrangendo todas as criaturas e toda a Criação. O Centro Espírita o instrui, por ensinamentos e fatos, que a morte não é a condenação do Éden, mas a porta da vida, segundo a feliz expressão de Richet. O mistério da vida eterna, concedida apenas aos eleitos, transforma-se na herança universal de Paulo, pois somos todos “herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo”. A função moral do Centro não é compulsória, mas autógena. Não se desenvolve através de um código opressivo, mas do despertar da consciência para a responsabilidade de todos e de cada um. O fundamento dessa moral é o princípio do amor ao próximo e a sua manifestação no plano social é a caridade. O amor é a essência da vida social, substância básica da estrutura social, e a caridade é a dinâmica das relações, nos termos da definição de Paulo. O Centro Espírita assimila na prática, na sua dinâmica do dia a dia, a seiva pura do Evangelho para alimentar a vida, o pensamento e os sentimentos do homem. Longe ficaram, no processo histórico, as lendas da ira divina e das condenações terroristas. Na pequena comunidade do Centro forma-se e se desenvolve a Sociedade do futuro, fundada na compreensão dos deveres conscienciais. O mundo humano e o mundo espiritual se fundem no processo das relações mediúnicas, na troca de experiência entre os espíritos e os ho-

mens que mutuamente se ajudam na escalada da transcendência. Graças ao racionalismo espírita – desenvolvimento natural do racionalismo cristão – estabelece-se a solidariedade de consciências da tese de René Hubert, atualizando na realidade humana a utopia divina do Reino de Deus. Caem as barreiras de raças e condições sociais, pessoas e culturas, seitas e partidos, mortos e vivos, pois todos aprendem que a fraternidade universal das criaturas decorre da paternidade universal de Deus. Os objetivos do Evangelho são atingidos com a derrubada total dos divisionismos formais estabelecidos pela ignorância humana.

Claro que esse milagre humano, produzido no Centro pela descoberta da finalidade da existência terrena, não é completa nem perfeita, mas já revela os traços essenciais do perfil do futuro. Ficam para trás, na distância, os séculos e os milênios de atrocidades e ameaças satânicas, diabólicas, reduzidos a cinzas de eras superadas. Na simplicidade do Centro Espírita, desprovido de aparatos, de imagens, de rituais, de paramentos, de sacramentos, de atos religiosos pagos, avesso à simonia e ao profissionalismo religioso e dedicado ao serviço da caridade ampla, sem preferências – as forças da evolução acumulam o seu poder para a eclosão da civilização do Espírito, que varrerá do planeta todas as formas e formalismos do religioso inferior, que se ceva nas mistificações do poder espiritual. As preces pagas, as cerimônias suntuosas, os títulos fantasiosos e heréticos dos representantes religiosos, as organizações religiosas investidas de poderes estatais – resíduos das fases teocráticas do passado – desaparecendo por falta de adequação aos tempos novos. A experiência do Centro Espírita, que suprime todas as formas de engodo das populações e simulação de poderes divinos através de ordenações, sagrações e investiduras divinas, serão abolidas. A Religião, desembaraçada dos compromissos políticos, comerciais, financeiros e assim por diante, será restaurada em sua pureza exemplificada por Jesus e seus discípulos na era apostólica.

Essa é a diretriz histórica determinada pelas características e as atividades do Centro Espírita. Mas todas essas modificações se processarão ao longo do tempo, na medida do progresso cultural do mundo e do conseqüente esclarecimento dos povos

sobre os problemas fundamentais da vida, do destino, da dor e da morte. O conhecimento dessas incógnitas, que sempre atormentaram os homens, secará naturalmente a fonte das mistificações interesseiras no campo religioso. Demonstrada a ineficácia de todas as encenações sacramentais, esclarecidas as superstições que dominam a mente humana insegura e medrosa, a Humanidade atingirá a sua virilidade e não haverá mais campo para as explorações sistemáticas da natureza religiosa do homem. No plano espiritual, as vastas populações desencarnadas de espíritos inferiores, apegados a interesses materiais, serão naturalmente removidas para mundos inferiores. Na Economia Divina nada se perde. Essas populações espirituais, atrasadas em face da evolução terrena, levarão para os mundos inferiores conhecimentos que auxiliarão esses mundos na sua elevação progressiva. São essas as migrações espirituais entre os mundos solidários de cada Galáxia, segundo o ensino de Kardec.

O Mito do Terceiro Milênio, que muitos espíritas aguardam com a ingenuidade dos judeus que ainda esperam o Messias e dos cristãos que aguardam a volta de Jesus entre as nuvens, com revoadas de anjos ao redor, enquanto catástrofes punitivas devastarão o planeta, não passa de interpretação errônea e supersticiosa de um arquétipo coletivo: o anseio dos homens por um mundo feliz, despertado nas criaturas pela realidade longínqua das realizações ainda em lenta progressão na Terra e já atingidas no Cosmos por mundos mais antigos que o nosso. O Terceiro Milênio é simplesmente a continuação das fases milenárias do calendário cristão designadas no tempo como Primeiro e Segundo Milênio. É, portanto, uma fase de mil anos, e que o Ano 2.000, aguardado como hora mística de redenção universal, é apenas o ano inicial de um milênio de grandes e profundas transformações da Terra, na seqüência natural do seu processo evolutivo. Na sistemática objetiva, simples e racional do Centro Espíritas, não há lugar para violações milagrosas e, portanto, sobrenaturais. Vivemos na Natureza e tudo quanto conhecemos é natural. O conceito do sobrenatural nasceu da impotência humana para devassar o Cosmos. Mas desde o século passado o homem vem conseguindo mergulhar nos mistérios do mundo e

descobrir as leis naturais de fenômenos considerados sobrenaturais. Kardec foi o grande pioneiro dessa investigação e por isso mesmo foi o primeiro a pôr em dúvida esse conceito. O sobrenatural revelou-se como sendo simplesmente o desconhecido. Na proporção em que avançamos no conhecimento da realidade tudo se naturaliza. Só Deus parece dispor da sobrenaturalidade, mas as próprias Religiões sustentam que Deus não é só transcendência, é também, e necessariamente, imanência. Para sustentar os princípios da onipresença e onisciência de Deus, os teólogos, esses cultivadores de uma hipotética Ciência de Deus tiveram de admitir a sua imanência na Natureza, o que também o naturaliza. Sobra, assim, apenas uma parte de Deus como sobrenatural, mas se Deus é uno (apesar das suas três pessoas) é claro que não pode ser dividido em natural e sobrenatural. E se Deus é o Criador que tudo criou de si mesmo e está presente em tudo, presidindo a toda realidade das coisas e dos seres, não de fora, mas de dentro dessa realidade, não há como sustentar-se a sua sobrenaturalidade específica e única.

O Espiritismo define Deus como inteligência Suprema, criadora, mantenedora e estruturadora do Universo. Logicamente, define o Espírito como elemento estruturador da matéria. Para estruturar a matéria dispensa no espaço, pulverizada em átomos, partículas atômicas e plasmas cósmicos, o Espírito se apossa desses elementos e os ajusta aos seus desígnios, gerando as formas das coisas e dos seres. Dessa maneira, o fiat da Criação não foi apenas a emissão de um pensamento ou de uma palavra, mas todo um processo complexo e lento de aglutinações sucessivas, através da potência inteligente que pelo fato mesmo de ser inteligente, sabia o que fazia. Essa proposição espírita, fundada na razão, não emocionou os teólogos, que simplesmente a condenaram, no simplismo de seu autoritarismo, por sua vez baseado na suposição simplória de que Deus dava a ciência infusa da verdade absoluta. Que mixórdia, Santo Deus!

O Conhecimento atual, que repudiou o ilogismo teológico, feito de arrebiques e malabarismos, não pode abdicar das vias racionais, nem mesmo sob o prestígio de Kant, na divisão também arbitrária que o filósofo estabeleceu entre o dialético e o

absoluto. A metamorfose religiosa incumbiu-se de mostrar que as complicações do misticismo à lógico reduziram-se no tempo à lógica da simplicidade nas práticas experimentais do Centro Espírita.

No Centro do Mundo

De todas as latitudes, de todos os continentes as águas da Terra correm para o centro do mundo. Não o centro geológico determinado pelas aferições do homem, mas o centro flutuante, variável, determinado pelos balanços do vaso terreno em sua levitação cósmica, no embalo dos equilíbrios gravitacionais do planeta suspenso entre as constelações. Mas as águas não obedecem apenas aos ritmos do eterno-efêmero, nas condições oscilantes das situações orbitais. Além disso, as águas acumuladas nos grandes estuários marítimos e nos leitos dos rios e lagos evaporam-se e sobem ao céu para a formação dos cúmulos de nuvens que se precipitam ao solo nas incidências pluviais fecundantes ou destruidoras. Os ritmos da volatilização e das precipitações aquosas – ritmos particulares das águas açoitadas pelos ventos e pelas variadas influências do Sol e da Lua sobre as instáveis acomodações das águas. Nesse jogo incessante de ritmos gravitacionais vemos “a constância das coisas na inconstância”, como observou o poeta Hermes Fontes. E vemos também a imagem do destino humano, que os homens seguem, que rolam das distâncias da Terra e se volatilizam na morte, projetando-se no céu para os ciclos intermináveis das reencarnações. Tudo se conjuga de maneira significativa nos diversos planos da realidade, para mostrar-nos a unidade intrínseca dos processos telúricos e cósmicos.

No plano humano do confuso mundo dos homens as águas geradas pelas dores do mundo brotam das fontes ocultas do coração, cascadeiam nos olhos e nas faces e correm céleres para o Centro Espíritas, o Centro Humano do Mundo, juntando-se nas acomodações transitórias das consolações. As Ciências e as Filosofias, as Igrejas e os Templos suntuosos não oferecem mais aos rios de lágrimas as constelações do passado. Apresentam-se como deltas secos, bocas áridas abertas e fantasmais para a inclemência do Céu e a Impiedade de Deus. A volatilização das lágrimas se faz ao ritmo das revoltas e das imprecações, no

desespero oscilante dos corações, nos ritmos da angústia. Os caudais de lágrimas se desviam, no balanço doloroso dos desesperos, para o Centro Espiritual do Mundo, que não é mais a Catedral, nem o Templo ou a Mesquita, a Sinagoga ou a Sacristia, mas o Centro Espírita. Só ali, no convívio dos corações fraternos, ao calor das palavras esclarecedoras e amigas, no diálogo mediúnico de vivos e mortos, o lenitivo brota das instruções amorosas e da compreensão da realidade invisível. As Igrejas não têm diálogos, falam sobranceiras de condenações ou salvaçãoes, ambas incertas, e só oferecem a certeza dogmática da separação absoluta ou de uma ressurreição remota no final dos tempos sem fim. Os templos estão calados, os clérigos oferecem suas cerimônias suntuosas e pagas a dinheiro contado, a rastejante sabedoria terrena das tradições milenares emudeceu, murmurou rouca na boca das múmias, sob as ameaças constantes dos Anjos implacáveis que voam com asas de morcegos demoníacas, ameaçando punições eternas para as faltas e os pecados da fragilidade humana.

Jamais as incongruências da Igreja Cristã, em todas as suas denominações, se fizeram tão aterradoras como agora. Ante os escombros da Segunda Guerra Mundial os teólogos cristãos negaram Deus e fizeram de Jesus um dissidente tardio para chefiar a baderna do que chamam de Cristianismo Ateu. As grandes religiões orientais, como o Budismo, o Shintoísmo, o Taoísmo, o Mazdeísmo, o Bramanismo, fragmentaram-se na proliferação de seitas, voltadas para os problemas superficiais da rotina humana. O número de seitas cristãs desovadas nas chocadeiras elétricas dos Estados Unidos e do Japão – esse país xerox de após-guerra – é de desnortear multidões. Multiplicaram-se no mundo, pelas exportações de um misticismo bastardo, em que os ancestrais nipônicos se fazem deuses estranhos de americanos e europeus, as possibilidades de opções pseudo-religiosas. A progressão algébrica do crescimento demográfico mundial não nos ameaça, como pensava Matlthus, com a crise de alimentos, mas com o pauperismo espiritual. O que havia de grande nas religiões orientais, que desde a Roma dos Césares assediaram as civilizações do Ocidente, pulverizou-se com as explosões atômi-

cas cesarianas no ventre das mitologias antigas e modernas, para repovoar o mundo; pulularam na Terra devastada milhões de pequeninos deuses levianos e vazios, sorridentes e irônicos, que na sua voracidade de gafanhotos ameaçam as religiões caducas de uma bancarrota mundial.

As Cassandras desta Tróia planetária estão agora pregando o Fim do Mundo. E embora nem todos lhes dêem crédito, as Cassandras estão certas como a profetiza troiana. O mundo vai acabar, já está mesmo nos seus últimos estertores, mas não o mundo físico e sim o mundo moral, intoxicado pelas suas próprias mentiras, hipocrisias, explorações deslavadas da boa-fé dos simples. A metamorfose religiosa não foi prejudicada, mas indiretamente auxiliada e até mesmo resguardada em seu desenvolvimento histórico, em meio às confusões e espantos desta fase a-histórica em que todos os valores se confundiram. A Natureza tem os seus recursos secretos e imponderáveis, que os dedos humanos não podem tocar. Serviu-se dos espoliados, dos marginalizados, dos ingênuos colocados à margem do processo cultural, dos amaldiçoados pelo oficialismo religioso, das vítimas das novas inquisições aniquiladoras, para resguardar as forças morais legítimas na sua destinação histórica. O Centro Espírita é hoje a semente humilde que as secas e os furacões não puderam atingir. Embora ainda, na sua maioria, mostrem-se enteados num misticismo larvar, conservam nessa própria condição negativa as energias potenciais da reconstrução. E é nesse seu trabalho missionário e humilde, socorrendo, orientando, estimulando, que ele modifica o mundo através da modificação progressiva das consciências. Porque o Mundo não é um objeto físico e mecanismo, mas um ato de consciência. Suas leis essenciais não são as da matéria, mas as leis morais e espirituais. O aparente mecanismo dos naturais está carregado de intenções. Os fisiólogos gregos sabiam disso, e quando Tales se referia aos deuses que enchiam o Mundo em todas as suas dimensões, afirmava o princípio espírita de que a estrutura planetária, em seus mínimos detalhes, é controlada pelos Espíritos incumbidos da manutenção da Terra, desde os simples elementais (ainda em evolução para a condições humanas) até os Espíritos Superiores, próximos da

Angelitude, que supervisionam e orientam as atividades telúricas. Na crosta planetária, ainda amparados e assistidos por milhões de entidades espirituais, os homens dominam os espaços entregues à sua jurisdição, sob a responsabilidade de suas consciências e na concessão do seu livre-arbítrio, realizando as experiências programadas por sua própria vontade. Somos nós, os homens, os construtores do Mundo, somos nós que fazemos bom ou mal, inferior ou superior. Muitas criaturas alegam que não fazemos o que queremos, pois estamos condicionados por forças internas e externas que nos governam. Todo o Cosmos é uma estrutura de leis, o que nos permite viver nele e agir nele pela nossa vontade. Um homem no mundo não é um prisioneiro ou um robô, é uma consciência que dispõe dos equipamentos da encarnação para atingir objetivos determinados pela sua consciência. Agimos, em todas as circunstâncias, dentro dos nossos condicionamentos, como um ser livre que pode fazer e desfazer. Mas como poderíamos fazer algo, se não dispuséssemos da consciência, da vontade e do meio em que vivemos? Os que sonham com a liberdade absoluta não têm uma noção clara de liberdade. Os peixes não vivem e não agem fora da água. Os pássaros não podem viver e voar no vácuo. O homem não existe fora da existência. E não há existência onde não houver o existente, que é o homem.

As Filosofias Existenciais nasceram do desespero e da impotência de Kierkegaard, teólogo protestante dinamarquês, que sofria a angústia de existir solitário, sem poder comunicar-se com ninguém, nem mesmo com a sua noiva. Por isso desmanchou o noivado. Kierkegaard era um gênio, contemporâneo de Kardec, mas condicionado pela angústia que herdara do seu próprio passado. Chegou à conclusão de que o homem só pode realmente comunicar-se com uma entidade misteriosa, que é Deus. Chamou-o de O Outro. Dos seus diálogos metafísicos com O Outro nasceram as Filosofias da Existência. Nessa mesma época, meados do século passado, Kardec descobria que a Existência é Comunicação. Os homens existem porque se comunicam entre si, com os Espíritos, com a própria Natureza e com Deus. Kardec também, como todas as criaturas, era condicionado pelo

seu passado, pelas heranças biológicas, pela cultura em que nascera, e era também um Gênio que definiu Deus como inteligência. No condicionamento de Kardec, homem de Ciências e não teólogo, havia mais abertura para a realidade. Ele fundou e desenvolveu a Ciência Espírita, enquanto a Filosofia de Kierkegaard foi fundada e desenvolvida pelos seus discípulos, tornando-se a Filosofia do Século XX. Vemos que as condições e os meios de ação de ambos eram diferentes, mas um e outro agiram como seres conscientes de si mesmos, de seus poderes e de suas limitações.

As Filosofias da Existência, à revelia de Kierkegaard, que nem sequer sabia das atividades de Kardec, endossaram os princípios da Filosofia Espírita, que nasceu naturalmente do desenvolvimento da Ciência Espírita em todos os seus princípios fundamentais. Mais tarde, Kardec Jaspers, filósofo alemão existencial, demonstrou que a transcendência do homem na existência se faz pela comunicação em dois sentidos:

- 1) a transcendência horizontal, na comunicação humana de homens com homens;
- 2) a transcendência vertical na comunicação do homem com Deus, a única admitida por Kierkegaard, em virtude de seu pesado condicionamento teológico.

É evidente que havia uma intenção oculta nessa coincidência do encontro à distância de Kierkegaard e Kardec no mesmo século para o nascimento de uma nova cultura na Terra. Tanto um como outro agiram e pensaram por si mesmos, na medida de seus condicionamentos, com plena consciência do que faziam incompreendidos até que a cultura terrena adquirisse dimensões para abrangê-los em sua estrutura. Hoje, graças à rápida evolução cultural dos últimos tempos, Existencialismo e Espiritismo são elementos fundamentais de um novo mundo e uma nova cultura.

A palavra existência tornou-se um conceito filosófico básico em nosso tempo. O homem vive, como vivem as plantas e os animais. Mas o homem existe quando não se limita apenas a viver. A existência é a ciência consciente do homem que sabe

por que vive e não se conforma com o simples viver. O objetivo da existência é a superação da condição humana para que o homem atinja a divindade. Então ele não é apenas um homem, mas um existente. Para Kardec, a evolução humana se faz nas existências sucessivas, em direção à Angelitude, que é o plano espiritual imediatamente superior ao da Humanidade. Sartre, cético e materialista, sustenta que o homem se frustra na morte, não chegando jamais à Angelitude. Mas Martin Heidegger, o maior filósofo alemão contemporâneo, afirma que: “O homem se completa na morte”.

O Centro Espírita, como já vimos, não se limita a consolar os aflitos com palavras. Ele prova objetivamente a sobrevivência do homem para após a morte, mostra a ação dos espíritos e o papel preponderante que eles desempenham na vida de todos nós. Graças a ele, surgiram no mundo, pelas investigações de cientistas eminentes, as Ciências Psíquicas que hoje desembocam na parapsicologia, e através das pesquisas realizadas nos maiores centros universitários do Mundo confirmou-se a realidade espírita. Nenhuma pessoa de cultura pode negar que a visão espírita do Mundo está produzindo na Terra uma nova e esplendente cultura, uma Nova Civilização.

A metamorfose religiosa é um processo de depuração, como vimos no caso dos templos. Dos grandes monumentos da Antigüidade até o aparecimento das igrejas modestas dos primórdios cristãos, vemos que a religião se despoja de suas grandezas exteriores para buscar a interioridade. Não obstante, o processo de interiorização sofre uma queda violenta no período medieval. A suntuosidade exterior volta com as catedrais, as basílicas, os Palácios cardinalícios ou Episcopais, os grandes mosteiros. Há uma invasão das forças históricas no desenvolvimento espiritual. A queda do Império Romano, que deveria auxiliar a metamorfose religiosa, pelo contrário, a embaraçou, com o desenvolvimento dos Impérios Bárbaros. A fascinação dos primitivos pelas pompas, pelo esplendor material, barrou a evolução espiritual. Os frades penitentes, descalços e sujos, fugiram com seus trapos para os conventos do deserto, onde a regra era ignorância e o analfabetismo. Essa tendência masoquista do fanatismo bronco

gerou as glórias obscuras da santidade sacerdotal. Os frades humildes queriam morrer em odor de santidade, ou seja, cheirando sujeira, porque isso lhes assegurava a bem-aventurança no Céu. Contra essa explosão delirante surgiram os clérigos atilados, incitando os bárbaros à conquista dos reinos da Terra. Os Godos contribuiriam com sua arquitetura grandiosa e os Impérios Bárbaros restabeleceram no Cristianismo o esplendor material das Civilizações Teocráticas. Esse desvio violento no processo da metamorfose religiosa encontrou apoio nas tradições da glorificação de Deus através de monumentos terrenos. A humildade do Messias, repelida pela grandiloquência dos judeus, recebeu o seu golpe de misericórdia no desenvolvimento do período medieval. Carlos Magno, orgulhoso do seu Império Franco, chorava por não estar com suas hostes na palestina para derrotar os inimigos do Cristo e lhe dar, ao invés da coroa de espinhos, a coroa de ouro do mais poderoso Império do Mundo. Para compensar isso, por toda parte se propagou a idéia de glorificar o Cristo e homenagear a Deus com os monumentos mais grandiosos. Desencadeara-se um processo histórico que esmagaria o Cristianismo sob o peso das grandezas materiais, permitindo completar-se a sua deturpação, iniciada desde o momento de conversão dos últimos Imperadores de Roma. No Renascimento e no mundo moderno a idéia de grandeza continuou a desenvolver-se, sempre amparada por pensadores, religiosos ou não, que davam o maior apreço às artes sacras, no estímulo ao desenvolvimento artístico das nações. Tolerava-se a pobreza das comunidades religiosas dedicadas à humildade e à santificação, mas a religião verdadeira era ainda aquela que dispunha de maior poder mundano, maior riqueza litúrgica, maior esplendor nas suas catedrais gigantesca. Victor Hugo, na eclosão do Romantismo, exalta a influência do Cristianismo no campo das artes, tomando para tema do seu famoso romance a Catedral de Notre Dame. Mas a eclosão do Espiritismo em França levaria o próprio Hugo a participar das sessões espíritas de Madame de Girardim. O desvio histórico da metamorfose religiosa começava a ser corrigido pela interferência dos Espíritos. Eles não falavam das grandezas materiais, mas acentuavam em suas mensagens e comunicações a significação espiritual da religião. Todas as

suntuosidades religiosas, dos paramentos dos padres à suntuosidade dos templos eram consideradas inúteis. A Civilização objetiva devia ser substituída, em seu predomínio absoluto, pela Civilização subjetiva. E Kardec insistia, incansável; no desvalor dos esplendores materiais, quando a pobreza e a miséria, provenientes do egoísmo humano, roíam as unhas na fome das calçadas e no frio dos tugúrios.

A Revolução Espírita, continuação e desenvolvimento da Revolução Cristã, suscitou contra ela todas as forças do mundo embriagado de grandezas terrenas. Mas o Centro Espírita já estava novamente implantado na Terra, e através dele a segunda Ressurreição do Cristo, inutilmente esperada por quase dois milênio, afinal se realizava na Ressurreição da sua Doutrina, tão diferente da chamada Doutrina Cristã das Igrejas. O Centro Espírita é hoje a estalagem da Estrada de Emáus na Terra, onde o Cristo ressuscitado parte o pão da verdade legítima com os discípulos que não o reconheceram. Nele, e só nele, a Religião não se disfarça em grandezas perecíveis e artificiais. O que nele se cultiva é a grandeza dos corações sinceros, devotados ao amor do próximo. Trabalho, solidariedade e tolerância, esse o roteiro que Kardec lhe indicou.

Durante o primeiro século de sua divulgação, o Espiritismo teve de enfrentar violentos ataques conjugados do Cristianismo oficializado e das instituições culturais de toda a Civilização Ocidental. Negavam-lhe tudo: lógica, natureza cristã, posição científica e filosófica. Só lhe deixavam a classificação honrosa de superstição. A honra dessa classificação decorria de sua aplicação anterior ao Cristo e ao Cristianismo puro dos primeiros tempos. Mas era natural que assim acontecesse. Cristianismo e Espiritismo surgiram no mundo como oposição a toda cultura dominante. O instinto de conservação dessa cultura – um organismo conceptual vivo e atuante, que se mostrara capaz de orientar o homem nos caminhos difíceis da ordenação do mundo – tinham necessariamente de reagir contra as invasões estranhas. O sociocentrismo agudo e agressivo de Israel, ainda hoje vivo, atuante e arrogante, está ligado estreitamente à arrogância conquistadora de Roma, teria de esmagar o invasor. No mundo

moderno as condições eram as mesmas. As nações herdeiras de Roma e Bizâncio, reforçadas pela conquista e posse da sabedoria grega e pelo desenvolvimento cultural da Europa Moderna, perceberam a ameaça daquela nova estrutura conceptual que vinha da rebeldia de Rousseau através de Pestalozzi e explodia em Paris, centro mundial da cultura, pelas mãos de Kardec, um terrível sofista (como o julgavam) armado dos poderes pitônicos da magia antiga. Mas o que não esperavam era que esse “charlatão”, nascido de boa família lionesa, fosse capaz de sustentar sozinho a luta contra as forças conjugadas do mundo. Kardec, como Jesus de Nazaré o fizera no passado longínquo, cercou-se de uns poucos discípulos mal preparados e num período de apenas quinze anos construiu a sua fortaleza e ganhou mais batalhas do que Napoleão. O segredo dessa resistência e dessas vitórias não estava em armas secretas e misteriosas, mas apenas e exatamente naquilo de que mais se vangloriava a cultura dominante: o Bom-Senso. Apoiado nessa arma ingênua e frágil, que os grandes da época desprezavam como resíduo da subserviência burguesa aos Castelos Feudais, Kardec venceu. Quando, velho e esgotado, morreu do rompimento de um aneurisma cerebral, o mundo brilhante dos fins do Século XIX regozijou-se. Mas da mesma maneira porque o Cristo crucificado tornou-se mais forte e converteu Paulo de Tarso na Estrada de Damasco, Kardec morto tornou-se invencível e arrebatou Léon Denis para sucedê-lo. Denis revelou-se à altura de Paulo. Assombrou Paris com sua estranha cultura de autodidata, publicou livros que os críticos exaltaram, pronunciou conferências espíritas nos salões parisienses da alta roda – em que as mesinhas dançantes haviam provocado piadas e gargalhadas, e como contaria mais tarde o poeta Gaston Luce, seu amigo, admirador e biógrafo, partiu depois para a Cruzada Espírita solitária, por toda a Europa. Era um novo Paulo, apóstolo dos gentios, pregando por toda parte a Doutrina Espírita, consolidando-a no continente. Enfrentou depois a grande batalha dos Congressos Espiritualistas, nova tática dos adversários que pretendiam atrelar a nova Doutrina ao carro desgovernado das envelhecidas e superadas doutrinas espiritualistas do passado. Tiveram de entregar-lhe a presidência de vários congressos, e em todos eles Denis repeliu energicamente

as tentativas de mistura do Espiritismo com as formas imprecisas do Espiritualismo místico e anticientífico, formalista e tradicionalista. Denis estava sempre em minoria nas assembleias, mas sempre vencida. Graças a ele, à sua firmeza doutrinária inabalável, à segurança do seu raciocínio e ao ímpeto do seu verbo, a tentativa de mistura e confusão fracassou. Conan Doyle, que traduzira o seu livro Joana d'Arc-Médium para o inglês, chamava-o entusiasticamente de O Druida da Lorena. Era realmente um antigo sacerdote e guerreiro celta que enfrentara nas Gálias os conquistadores romanos.

Poucos espíritas sabem das ligações do Mundo Celta com o Espiritismo. Historicamente essas ligações decorrem das semelhanças doutrinárias entre o Espiritismo e o Druidismo, religião dos celtas. Na Antigüidade os Celtas ocuparam uma posição excepcional: eram um povo monoteísta e reencarnacionista, voltado para a poesia e o canto. Sua doutrina religiosa era exposta em tríades, pequenos poemas de três versos. As tríades eram cantadas pelos bardos nas cerimônias religiosas das selvas, onde construía seus altares de pedras gigantescas sob as ramagens dos carvalhos, árvores sagradas. Sua concepção do mundo era também trinária. O Mundo se constituía de três hipóstases, planos superpostos, que eram os seguintes:

- 1) **Gwinfid** – a Morada de Deus, plano superior e inacessível.
- 2) **Abred** – o Circulo da Reencarnação, que é a Terra.
- 3) **Anunf** – a região das trevas, infernal.

A mediunidade era exercida como função sagrada pelas druidesas ou sacerdotisas e pelos bardos, poetas-cantores e médiuns.

O fato de não terem sido cristãos provoca sempre a crítica das Igrejas Cristãs às ligações dos druidas com o Espiritismo. Alegam que se tratava de um povo bárbaro que praticava sacrifícios humanos, esquecidos de que também os judeus praticaram esses sacrifícios, como o atesta a Bíblia, e que os essênios ainda os praticavam no tempo de Jesus. Eram resíduos selvagens que desapareceram com a evolução dos povos. Aristóteles considerou os celtas como o único povo filósofo do mundo. Existem até hoje as sociedades de cultura celta na Europa, especialmente na

França, na Inglaterra, na Escócia e na Irlanda, que foram regiões celtas. Kardec publicou magnífico estudo sobre os Druidas na Revista Espírita. Os Espíritos Superiores lhe disseram que ele havia sido nas Gálias o druida Allan Kardec, o que o levou a assinar os seus livros espíritas com esse nome. Léon Denis também escreveu sobre os celtas e sua religião e se considerava, como Conan Doyle o considerou, um druida reencarnado. Vencidos por César, na Travessia do Rubicão, os celtas foram catequizados pela Igreja, mas a sua religião poética, de que as tríades nos dão conceitos profundos, permaneceu como objeto de estudo no mundo cultural.

Críticos e historiadores superficiais atribuem à Índia e ao Egito o princípio da reencarnação no Espiritismo. Não é verdade. Kardec recebeu esse princípio dos Espíritos e submeteu-o a pesquisas científicas que provaram a sua realidade. A pesquisa sobre a reencarnação continua em nossos dias em plano universitário. É um capítulo das investigações parapsicológicas, inclusive na URSS, onde o Prof. Wladimir L. Raikov a realiza há anos na Universidade de Moscou. Por imperativos políticos do Estado de fundamentos materialistas, a pesquisa é feita na Rússia sob a designação de reencarnações sugestivas, fenômeno paranormal que altera o comportamento de certas pessoas.

No Centro Espírita a reencarnação é tratada como fenômeno de manifestação de existenciais anteriores, conservadas na memória subliminar e às vezes aflorada na mente e no cérebro atual. As pesquisas científicas de hoje, como as de Ian Stevenson, já publicadas em nossa língua, e as de Hamendras Barnejee, em vias de tradução, só têm confirmado as pesquisas espíritas de Kardec. O método mais usado pelos cientistas atuais é o da análise e aprofundamento das lembranças espontâneas de vidas passadas. Na Rússia tem sido aplicado o método hipnótico de regressão da memória, instituído na França pelo Cel. Albert De Rochas, quando diretor do instituto Politécnico de Paris. Nos Centros há geralmente manifestações anímicas (da própria alma do médium) que constituem regressões espontâneas e automáticas do médium a vidas anteriores, revelando a sua personalidade anterior. Cada Centro dispõe das entidades amigas que orientam

os seus trabalhos. O Centro Espírita bem dirigido por pessoas sensatas e estudiosas é uma concha acústica em que ressoam as vozes e os pensamentos dos Espíritos e dos Homens, no diálogo dos mundos, pois nele se encontram o mundo espiritual e o mundo terreno, nas possibilidades abertas pelos dons mediúnicos de que todos dispomos.

Os que deturpam a finalidade superior do Centro Espírita, sejam dirigentes ou freqüentadores só interessados em vantagens imediatas, perdem a oportunidade de se elevarem a uma visão superior do mundo, do homem e da vida. Se cada freqüentador do Centro quiser ajudá-lo na sua missão superior de preparar os homens para um mundo melhor, a dinâmica do Centro se intensificará para o bem de todos.

Ficha de Identificação Literária

J. Herculano Pires nasceu em 25/09/1914, na antiga Província do Rio Novo, hoje Província de Avaré, Zona Sorocabana, e desencarnou à 09/03/79, em São Paulo. Filho do farmacêutico José Pires Corrêa e da pianista Bonina Amaral Simonetti Pires. Fez seus primeiros estudos em Avaré, Itaí e Cerqueira César. Revelou sua vocação literária desde que começou a escrever. Aos 9 anos fez o seu primeiro soneto, um decassílabo sobre o Largo João, da cidade natal. Aos 16 anos publicou seu primeiro livro, *Sonhos Azuis* (contos), e aos 18 anos o segundo livro, *Coração* (poemas livres e sonetos). Já possuía seis cadernos de poemas na gaveta, colaborava nos jornais e revista da época, da província de São Paulo e do Rio. Teve vários contos publicados com ilustrações na Revista da Semana e no Malho. Foi um dos fundadores da União Artística do interior, que promoveu dois concursos literários, um de poemas, pela sede da UAI em C. César, e outro de contos, pela Seção de Sorocaba.

Mário Graciotti o incluiu entre os colaboradores permanentes da seção literária de “A Razão”, em São Paulo, que publicava um poema de sua autoria todos os domingos. Transformou (1928) o jornal político de seu pai em semanário literário e órgão da UAI. Mudou-se para Marília em 1940 (com 26 anos), onde adquiriu o jornal Diário Paulista e o dirigiu durante seis anos. Com José Geraldo Vieira, Zoroastro Gouveia, Osório Alves de Castro, Nichemja Sigal, Anathol Rosenfeld e outros promoveu, através do jornal, um movimento literário na cidade e publicou *Estradas e Ruas* (poemas) que Érico Veríssimo e Sérgio Milliet comentaram favoravelmente. Em 1946 mudou-se para São Paulo e lançou seu primeiro romance, *O Caminho do Meio*, que mereceu críticas elogiosas de Afonso Schmidt, Geraldo Viera e Wilson Martins. Repórter, redator, secretário, cronista parlamentar e crítico literário dos Diários Associados. Exerceu essas funções na rua 7 de Abril por cerca de trinta anos. Autor de oitenta livros de Filosofia, Ensaios, Histórias, Psicologia, Parapsicologia e Espiritismo, vários de parceria com Chico Xavier, e

lançou recentemente a série de ensaios Pensamento da Era Cósmica e a série de romance e novelas Ficção Científica Paranormal. Alegava sofrer de grafomania, escrevendo dia e noite. Não tinha vocação acadêmica e não seguia escolas literárias. Seu único objetivo era comunicar o que achava necessário, da melhor maneira possível. Graduado em Filosofia pela USP, publicou uma tese existencial: O Ser e a Serenidade.

FIM

Notas:

¹ A expressão culto pneumático vem do grego, pois “pneuma” quer dizer espírito.